

Missão: Alentejo

Revista da Comissão de Coordenação e
Desenvolvimento Regional do Alentejo



Destaque

Évora: Capital Europeia
da Cultura 2027 com
o "Vagar" de todos os
alentejanos

Cooperação

30 Anos de Cooperação
Portugal-Espanha - A
Cooperação Institucional
Transfronteiriça

Alentejo 2030

Comissão Europeia
aprovou o Programa
Regional Alentejo 2030

03

ccdr-a.gov.pt

Continua...



Site: <https://www.poctep.eu/>

Facebook: <https://www.facebook.com/poctep>

Twitter: <https://twitter.com/POCTEP>



Índice

Ficha técnica

PROPRIEDADE

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo
Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira nº193 7004 -514
Tel. 266 740 300
E-mail: geral@ccdr-a.gov.pt

DIRETOR

António Ceia da Silva

DIRETORES EXECUTIVOS

Carmen Carvalheira e Anibal Costa

CONSELHO EDITORIAL

António Ceia da Silva, Carmen Carvalheira, Anibal Costa, Figueira Antunes, Filipe Palma, Cláudia Henriques

CONSELHO REDATORIAL

Cláudia Henriques, Mário Simões, Ana Custódio

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Alexandra Correia
Ana Custódio
Ana Rosado
Ana Telles
António Oliveira das Neves
Cláudia Henriques
Figueira Cid
Hugo Hilário
Luís Dias
Luís Santos
Lurdes Nobre
Mário Simões
Patrícia Gomes da Silva
Rosa Onofre
Sandra Jorge
Vitor Proença

CAPA

Ana Rosado

FOTOGRAFIA

Mário Simões
Arquivo CCDR Alentejo

CONCEÇÃO

Equipa Multidisciplinar para a Comunicação, Relações Públicas e Protocolo

CONCEÇÃO GRÁFICA, PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Caminho das Palavras

PERIODICIDADE

Quadrimestral

TIRAGEM

200 exemplares

ISBN

978-972-644-126-7

DEPÓSITO LEGAL N.º

502256/22

EDIÇÃO

dezembro 2022

EDITORIAL

- 03** Quando os alentejanos se juntam, ganham... o futuro

COOPERAÇÃO

- 04** 30 Anos de Cooperação Portugal-Espanha – A Cooperação Institucional Transfronteiriça
06 BAUHAUS EUROACE – EUROACE Como Casa

ALENTEJO 2030

- 08** Comissão Europeia aprovou o Programa Regional Alentejo 2030
10 Projeto “Duarte Darmas Revisitado – do cálamio ao drone” na CCDR Alentejo

PROJETOS AURORAL

- 11** Os domínios inteligentes do Auroral continuam a implementar-se no Alentejo

AUTARQUIAS

- 12** Mais coordenação regional, mais acesso à cultura

PROJETOS

- 14** CCDRA na Smart City Expo World Congress em Barcelona
16 CCDR Alentejo aposta, cada vez mais, na Economia Circular
18 ELIA Academy 2023 em Évora
20 CHARTER in REGIONS em Évora: Uma aliança para o Desenvolvimento do Setor do Património Cultural
22 Vice-Presidente da CCDR Alentejo, Carmen Carvalheira, na Semana Europeia das Regiões e Cidades

O QUE FAZEMOS

- 23** CCDR Alentejo e ATAM assinaram protocolo de colaboração
23 Anibal Costa no seminário de apresentação de resultados do Projeto Coop4Pam
24 Évora acolheu o INFORM EU e REGIOSTARS
26 CCDR Alentejo tem espaço para arte e cultura
28 CCDRA no Portugal Air Summit deu destaque ao AURORAL
29 Evento anual do Jessica foi em Alter do Chão
30 Na XXI Feira do Montando, em Portel, a CCDRA deu a conhecer a Missão: Alentejo

OPINIÃO

- 31** CCDR – entre desafios e oportunidades

CURIOSIDADES

- 34** Trinta anos a construir pontes entre o Alentejo e a Extremadura
35 João Cutileiro, um dia, falou à Revista da CCDR Alentejo

CULTURA

- 36** Évora: de Cidade Património Mundial a Capital Europeia da Cultura 2027 com o “Vagar” de todos os alentejanos
38 Vagar, primeiro estranha-se depois entranha-se
40 Alentejo não se visita, vive-se!
42 A identidade do Alentejo é, hoje em dia, uma proposta inovadora
44 Évora é do mundo e o mundo cabe em Évora
45 Somos só um Alentejo e o Alentejo ganhou
46 Évora 2027: uma vitória para o Alentejo
47 Paulo Monteiro: Desisti de tudo e mudei-me para Beja
48 Ai Weiwei encontrou o seu “ninho” no Alentejo
49 Ana Rosado fez “a nossa” capa
50 José Carlos Alegria e “Era uma vez, Marionetes”, o público é o Juiz... ou deveria sê-lo
OPINIÃO
51 O Júri escolheu Évora como Capital Europeia da Cultura em 2027
PERSONALIDADE
52 “Um dia destes, vou voltar a cantar para vocês”.
AS NOSSAS TERRAS
54 Aldeia da Luz fica na lembrança, permanece na memória e habitará, para sempre, na nossa imaginação
HOJE TERMINO EU
56 Meus senhores e minhas senhoras... Figueira Cid



Ilustração da Capa, da autoria de Ana Rosado.



Site: <http://www.alentejo.portugal2020.pt/>

Facebook: <https://www.facebook.com/Alentejo.Portugal2020>

Twitter: <https://twitter.com/Alentejo2020>



Quando os alentejanos se juntam, ganham... o futuro

António Ceia da Silva,
Presidente da CCDR Alentejo



O final de 2022 foi muito benéfico para o Alentejo. Évora, e o Alentejo, foi escolhida por um júri internacional para ser Capital Europeia da Cultura, em 2027, e a Comissão Europeia aprovou o Programa Regional Alentejo 2030.

Estes dois acontecimentos, que enchem de orgulho todos os alentejanos, merecem natural destaque no número três da Revista da CCDR Alentejo, Missão: Alentejo.

À Cultura, vamos dar especial destaque ouvindo diversos agentes culturais de todo o Alentejo, também dos principais intervenientes da candidatura a Capital Europeia da Cultura, onde a CCDR Alentejo esteve, desde o início, “de alma e coração”, integrando a Comissão Executiva e dando um contributo muito importante para o êxito da Candidatura.

Foi, como já tinha acontecido com a classificação de Évora, das muralhas de Elvas, do cante alentejano, da arte chocalheira das Alcáçovas, do figurado de barro de Estremoz, mais conhecidos por bonecos de Estremoz, e das festas do povo de Campo Maior, com as famosas flores de papel, como património da humanidade, uma vitória do Alentejo, o que demonstra que, quando nos unimos, saímos sempre vencedores.

Aliás, neste como nos dois números anteriores da Missão: Alentejo, a principal mensagem que queremos transmitir é essa mesma, o que é bom para uma parte do Alentejo é bom para todo o Alentejo.

E se a conquista de Évora e do Alentejo na Capital Europeia da Cultura só foi possível pela unidade que houve em termos de um conceito muito alentejano, mas que se projeta no Mundo, o “Vagar”, também a aprovação por parte da Comissão Europeia do Programa Regional Alentejo 2030, só foi possível porque as linhas gerais do Alentejo 2030 foram largamente debatidas com todos os parceiros regionais, tendo resultado um documento que será muito importante para o desenvolvimento do Alentejo.

O número três da Missão: Alentejo marca, de forma positiva, um projeto que está em constante evolução e que pretende estar cada vez mais próximo de todos os alentejanos. Queremos que os alentejanos, e não só, conheçam cada vez mais uma instituição, a CCDR Alentejo, que terá, em 2023, novos e importantes desafios pela frente.

As novas competências das CCDR's trazem maiores responsabilidades a todos nós, não só aos responsáveis pela instituição, mas também de todos os alentejanos que queremos cada vez mais intervenientes. Por isso, é também Missão desta revista criar uma massa crítica que não se alheie do futuro desta região, mas que seja um ator das mudanças que nos vão levar a um futuro melhor.

Vamos todos fazer de 2023 um ano muito bom para o Alentejo.

30 ANOS DE COOPERAÇÃO PORTUGAL-ESPANHA

A Cooperação Institucional Transfronteiriça

A cooperação transfronteiriça assume um papel de extrema relevância na aproximação e no enriquecimento cultural, social e económico das regiões de fronteira. Constitui, também, um instrumento fundamental para a participação, de forma conjunta, em projetos e ações comunitárias, proporcionando, assim, melhores condições de vida aos seus cidadãos.

A adesão de Portugal e Espanha à então CEE, em 1986, trouxe, para os dois países, importantes repercussões políticas, sociais e económicas. No entanto, um dos efeitos mais notórios e benéficos deu-se nas zonas fronteiriças, reforçando não só as relações e a interligação entre as regiões de fronteira, como também o seu desenvolvimento local e regional.

No caso do Alentejo, não havia tradição de cooperação e as poucas relações existentes limitavam-se ao comércio local transfronteiriço e, apenas, em algumas regiões. Com a eliminação das fronteiras internas e a aproximação política entre os dois países, surgem novos acordos e programas de cooperação entre Portugal e Espanha e intensificam-se os contactos políticos, motivados pela presença de representantes das regiões de ambos os países, em vários fóruns, organizados por associações inter-regionais europeias.

É a partir do ano de 1991, com o lançamento do primeiro PIC (Programa Iniciativa Comunitária) – INTERREG, que se operacionalizam as primeiras manifestações de cooperação transfronteiriça. A partir de então, tem início uma produtiva primeira etapa de cooperação em que se partia, praticamente, do zero e em que, após uma



primeira fase de conhecimento mútuo, começam a tomar forma os primeiros projetos e resultados práticos ao abrigo dos sucessivos programas INTERREG e, mais recentemente, POCTEP (Programa Operacional de Cooperação Transfronteiriça - Espanha-Portugal).

Texto
Sandra Jorge,
Chefe de
Divisão de
Cooperação
e Promoção

Os Protocolos - Portugal e Espanha

No dia 17 de janeiro de 1992, após a conjugação de sinergias políticas e regionais, foi assinado o Protocolo de Cooperação entre a Junta de Extremadura e a Comissão de Coordenação da Região do Alentejo, no enclave simbólico da Ponte da Ajuda sobre o rio Guadiana, no concelho de Elvas, com o qual se oficializa a cooperação entre a Extremadura e o Alentejo e se inicia uma nova fase das relações entre as duas regiões.

No âmbito deste protocolo, é criada uma comunidade de trabalho que se organiza em comissões setoriais, identificadas de acordo com as áreas prioritárias de intervenção. Para coordenar essas novas estruturas, é criada a figura do Gabinete de Iniciativas Transfronteiriças, um gabinete técnico, cujo objetivo é articular as relações de cooperação, que se constitui como um instrumento útil na evolução das relações entre as duas regiões.

A 25 de Janeiro de 2001, foi, por sua vez, assinado o Protocolo de Cooperação entre a Junta de Andaluzia e a Comissão de Coordenação da Região Alentejo, criando a Comunidade de Trabalho “Andaluzia-Alentejo”. Prosseguindo os mesmos objetivos de cooperação das regiões, a formalização das relações institucionais permitiu o fortalecimento das relações já existentes, proporcionando um maior aprofundamento na realização de ações de cooperação entre um maior número de atores locais e regionais.

EUROACE / EUROAAA

A 21 de Setembro de 2009, em Vila Velha de Rodão, é assinado, ao abrigo da Convenção de Valência, um novo protocolo de cooperação transfronteiriça tripartido. A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro e a Junta da Extremadura acordam, assim, constituir um organismo, sem personalidade jurídica, que se rege pelas normas de uma Comunidade de Trabalho e que se designará por Eurorregião Alentejo-Centro-Extremadura, EUROACE, que materializa a vontade, das três regiões, de reforçar e dar um novo impulso às suas relações de cooperação. A EUROACE é a primeira Eurorregião de natureza tripartida na fronteira hispano-portuguesa.

A 10 de Novembro de 2022, no Centro de Ciência Viva, em Proença-a-Nova, é assinada a renovação do protocolo entre as três regiões que constituem a EUROACE, que reforça e amplia os interesses cooperativos desta Eurorregião.

As relações bilaterais estabelecidas entre as regiões do Alentejo e Andaluzia e do Algarve e Andaluzia, através dos respetivos Protocolos, deram, também, lugar a uma dinâmica de colaboração tri-



partida, com resultados muito positivos em termos de eficácia e de eficiência do processo de cooperação entre as três regiões.

Assim, e à semelhança da congénere EUROACE e com base nos mesmos pressupostos, foi, então, constituída a Eurorregião Alentejo-Algarve-Andaluzia EUROAAA, através do Acordo de Cooperação Transfronteiriça, assinado em Faro, em maio de 2010.

Em março de 2022, na cidade Faro, é assinada a renovação da Comunidade de Trabalho EUROAAA, no sentido de garantir uma arquitetura institucional estável, bem como para consolidar e aumentar a dinâmica das relações transfronteiriças.

INTERREG / POCTEP

O programa INTERREG é um dos principais instrumentos da coesão económica, social e territorial na União Europeia. Criado como uma iniciativa comunitária em 1990, o INTERREG tornou-se um objetivo formal da Política Regional em 2000, identificado como Cooperação Territorial Europeia (CTE).

Na sua primeira geração (1990-1993), o Programa de Iniciativa Comunitária, INTERREG vertente A, viu 35 programas aprovados pela CE, em 1991, tendo recebido um total de 1.034 milhões de Euros, na sua maior parte resultantes dos fundos estruturais, com predominância para o FEDER.

O programa INTERREG é, neste momento, um dos principais instrumentos da coesão económica, social e territorial na União Europeia. Criado como uma iniciativa comunitária, em 1990, o Interreg tornou-se um objetivo formal da Política Regional, em 2000, identificado como Cooperação Territorial Europeia (CTE).

Em 2020, o Interreg celebrou 30 anos desde o seu lançamento, sendo o POCTEP um dos programas que se manteve em todos os períodos de programação e cuja vocação deverá ser mantida no futuro.

A 6.ª geração do Interreg (2021-2027), apresentada nos dias 16 e 17 de novembro de 2022, no Seminário de lançamento do Programa Interreg VI Espanha-Portugal (POCTEP) 2021-2027, que se realizou em Ayamonte, continuará a apoiar as dinâmicas de cooperação entre as regiões, os cidadãos e os operadores económicos nas respetivas fronteiras terrestres e marítimas.

BAUHAUS EUROACE – EUROACE Como Casa

—
Texto
Sandra Jorge,
Chefe de
Divisão de
Cooperação
e Promoção

O Novo Bauhaus Europeu, um movimento associado ao Pacto Ecológico Europeu e à Vaga de Renovação, assume-se como promotor de sustentabilidade, beleza e inclusão e é uma peça chave na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos europeus.

Esta iniciativa ou movimento, lançada pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em 2020, traz uma dimensão cultural e criativa para este Pacto e assume como missão aproximá-lo dos cidadãos e torná-lo uma experiência tangível e positiva para todos, através de conexões entre o mundo da arte e da cultura e o domínio da ciência e da tecnologia, tendo a participação cívica e a inclusão social como objetivos transversais.

Inspirada no movimento Bauhaus, convida ao diálogo entre culturas, disciplinas, géneros e idades, com o objetivo de imaginar e construir coletivamente um futuro sustentável, belo e inclusivo. Um futuro baseado numa economia mais circular, bem como na adoção de abordagens regenerativas inspiradas na natureza, e que assegure a proteção da biodiversidade e dos recursos.

Desde o seu lançamento que a EUROACE trabalha na ideia central que deve reger a nossa ação na iniciativa promovida pela União Europeia, a de oferecer e reivindicar o território EUROACE como um destino capaz de acolher os residentes atuais e futuros para quem a qualidade de vida é um valor inalienável. Pretende-se oferecer o rural, com os valores de um ambiente natural de fácil acesso, como qualidade do ar, tranquilidade e segurança, acesso a serviços e relações sociais solidárias e de qualidade, como contrapartida à vida em grandes núcleos urbanos, revertendo, ao mesmo tempo, os problemas que este êxodo maciço tenta ser mitigado pelas diferentes agendas urbanas.

Para tal, é necessário promover um desenvolvimento territorial mais equilibrado que permita transformar o nosso território para dotá-lo de serviços e infraestruturas que favoreçam a população que nele pretenda permanecer, ao mesmo tempo que atrai todos aqueles que procuram um ambiente mais acessível, saudável e sustentável, assim como novas iniciativas de investimento e projetos empresariais.

Para alcançar o objetivo de transformar o nosso território é necessário realizar uma série de ações. Serão implementadas, inicialmente, em seis municípios, dois para cada uma das regiões que compõem EUROACE, um projeto que se identificou como Aldeias BAUHAUS.



Pretende-se que o projeto-piloto das Aldeias BAUHAUS possa ser replicado noutras aldeias da região transfronteiriça e, posteriormente, transferido para outros territórios semelhantes ao nosso, na União Europeia.

Identificadas, pela EUROACE, as seis Aldeias: no Alentejo, a Aldeia do Marco (Freguesia da Esperança, Concelho de Arronches) e S. Pedro do Corval (Concelho de Reguengos de Monsaraz); na Região Centro, Dornelas do Zêzere (Concelho de Pampilhosa da Serra) e Sortelha (Concelho do Sabugal) e, na Extremadura, Llerena (Província de Badajoz) e Moraleja (Província de Cáceres). Foi iniciada uma série de reuniões de apresentação do projeto das Aldeias Bauhaus que conduziu à apresentação de uma candidatura conjunta à convocatória da DG REGIO “Support to New European Bauhaus Local Initiatives”, na vertente “Reabilitação de edifícios e espaços públicos existentes num espírito de circularidade e neutralidade carbónica”.

O projeto “Network Of Villages for the Future”, liderado pelo Município de Pampilhosa da Serra, integra as seis Aldeias e foi selecionado para, em conjunto com outros 19 projetos, receberem apoio por parte de um grupo de especialistas interdisciplinares através de um Programa de Assistência Técnica, que inclui:

1. Avaliação de necessidades: os peritos realizam uma avaliação das necessidades específicas do projeto da Nova Bauhaus europeia e desenvolvem planos de assistência técnica com apoio personalizado.
2. Serviços de apoio: os peritos oferecem o desenvolvimento e planeamento de projetos inovadores, envolvimento das partes interessadas (por exemplo, identificação de stakeholders, envolvimento dos cidadãos) e consultoria técnica de acordo com as necessidades identificadas.
3. Roteiro de implementação: os especialistas apoiam os beneficiários na incubação do projeto em direção a um roteiro detalhado que orientará e possibilitará a implementação de sua ideia.

Na semana de 21 a 25 de novembro, a EUROACE acolheu a visita das técnicas especialistas que irão acompanhar e desenvolver a assistência técnica do projeto. Visitaram as seis aldeias, culminando, esta deslocação, com a apresentação pública do projeto, realizada na Casa do Barro, em S. Pedro do Corval, e que contou com a presença de responsáveis políticos e técnicos dos municípios envolvidos, bem como de agentes locais, os principais interessados nas intervenções a efetuar nos espaços públicos identificados.



Pretende-se
que o projeto-
-piloto das
Aldeias
BAUHAUS
possa ser
replicado
noutras
aldeias da
região
transfron-
teiriça



Comissão Europeia aprovou o Programa Regional Alentejo 2030

Texto
Mário Simões

A Comissão Europeia aprovou os programas regionais do PT2030 e um pacote de fundos europeus regionais para o próximo período de programação.

A Região Alentejo vai contar com um novo Programa Regional – Alentejo 2030 –, para o período 2021-2027, que vai contar com 1.104 milhões de dotação, verba que é superior à do programa operacional regional Alentejo 2020 e que merece, por parte do Presidente da CCDR Alentejo que, simultaneamente, preside à Comissão Diretiva, motivos de satisfação e de aumento de responsabilidades, uma vez que, tal como referiu à Agência Lusa no dia em que foi conhecida a aprovação do Programa Regional - Alentejo 2030, “O que é importante é que, agora, os vários promotores e os vários agentes da região possam pôr ‘mãos à obra’ para a sua execução e para que não demorem tanto tempo a executar [os fundos] como aconteceu como o Alentejo 2020”.

O novo Programa Regional – Alentejo 2030, agora aprovado pela Comissão Europeia, resulta de um longo trabalho que envolveu os serviços da CCDR Alentejo e os diversos atores regionais. Os trabalhos de programação de um novo ciclo de desenvolvimento regional pós-2020 tiveram o seu início no 1º trimestre de 2018, com acompanhamento das várias etapas pelos *stakeholders* regionais, balizados por referenciais de planeamento e programação, estabelecidos a nível europeu e nacional.

A Região Alentejo vai contar com um novo Programa Regional – Alentejo 2030, para o período 2021-2027, tendo presente os grandes desafios estratégicos regionais apresentados pela Estratégia Regional 2030.

Desta forma, as grandes apostas no novo Programa Operacional são a demografia e a excelência dos serviços de suporte, a sustentabilidade territorial e dos seus recursos, a especialização inteligente e de competências, a valorização económica dos recursos e ativos, a qualificação dos subsistemas territoriais e a governação e ação coletiva regional.

Para o Presidente Ceia da Silva, “há áreas que serão fundamentais” neste novo programa regional para o Alentejo, como “a demografia, a questão da transição climática, a transição energética, a competitividade das empresas e da academia, a reabilitação urbana, entre outras”.

Estas áreas consideradas fundamentais por Ceia da Silva, inserem-se nos cinco objetivos estratégicos da União Europeia, “uma Europa mais inteligente, mais verde, mais conectada, mais social e mais próxima dos cidadãos”.

Programa Regional – Alentejo 2030 conta com o apoio de dois fundos europeus: FEDER e FSE. Conta, também, com o Fundo para a Transição Justa, para o Litoral Alentejano, que mobiliza a totalidade dos recursos disponíveis, de forma articulada e coerente, no respeito pelos princípios da simplificação, da transparência, da parceria, da eficácia, da eficiência e da orientação para resultados.

A CCDR do Alentejo acredita que, “no início de 2023, possam ser abertos os primeiros avisos para empresas”, e prevê que “se comece a fazer a negociação nas regiões, nomeadamente a contratualização com as comunidades intermunicipais”.

“Estão aprovados os 12 Programas do Portugal 2030 que vão mobilizar, ao longo desta década, um total de 23 mil milhões de euros para projetos que visem o desenvolvimento do país, um desenvolvimento assente nas empresas e na economia, nas pessoas, na sustentabilidade e no território”, refere a Agência para o Desenvolvimento e Coesão (AD&C), citada pela Lusa.

“As decisões da Comissão Europeia marcam o culminar de um longo processo iniciado no segundo semestre de 2021, após a publicação dos regulamentos europeus, com a negociação do Acordo de Parceria Portugal 2030, que veio a ser aprovado no passado dia 12 de julho e onde estão definidas as grandes opções políticas para a utilização dos fundos europeus até 2029”, disse a AD&C.

Os 12 programas comportam sete programas regionais (Norte, Centro, Alentejo, Açores e Madeira, Algarve e Lisboa), quatro temáticos (de Inovação e Transição Digital, de Demografia, Qualificações e Inclusão, de Ação Climática e Sustentabilidade e do Mar) e um de Assistência Técnica, sendo que, a estes, acrescem os programas de Cooperação Territorial Europeia, nos quais Portugal participa em parceria com os outros Estados Membros.

Na ocasião da aprovação pelos serviços da Comissão Europeia dos programas regionais do Portugal 2030 (PT2030), o primeiro-ministro, António Costa, na rede social Twitter, segundo a Lusa, também se referiu à aprovação dos 12 programas pela Comissão Europeia, considerando que “o país tem acesso a um leque alargado de fundos europeus, com o valor inédito de quase 40 mil milhões de euros”, numa alusão ao Plano de Recuperação e Resiliência e ao PT2030.

“O PT2030 é um importante instrumento para impulsionar a transformação estrutural do país com base na qualificação, na capacitação, na inovação e na transformação digital, na transição climática e na sustentabilidade, tendo presentes a inclusão, igualdade e a coesão territorial”, acrescentou.



O que é importante é que, agora, os vários promotores e os vários agentes da região possam pôr ‘mãos à obra’ para a sua execução.



Projeto “Duarte Darmas Revisitado – do cálamo ao drone” na CCDR Alentejo



Texto
Mário Simões

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo recebeu o projeto “Duarte Darmas Revisitado – do cálamo ao drone” constituído por um livro, filme exposição e site.

A obra, da autoria de Santiago Macias, baseia-se no “célebre ‘Livro das Fortalezas’, de Duarte Darmas, desenhado no início do século XVI, para estabelecer um jogo de comparações com a realidade atual”, explicou a direção regional. “Duarte Darmas, escudeiro do rei D. Manuel I, foi encarregue pelo monarca de registar em desenho todas as fortalezas da raia. O levantamento abrangeu 56 castelos, dos quais 20 se situam na fronteira do Alentejo, uma das mais extensas e importantes do país”.

Depois de ter estado patente ao público na galeria da CCDR Alentejo, o projeto pode agora ser apreciado na autarquia de Castelo de Vide.

Duarte Darmas ganharia um lugar na história graças a esta tarefa que lhe foi cometida pelo Rei. O monarca encarregou-o de registar as suas fortalezas raianas, num claro propósito de afirmação política e de marcação do território.

Os domínios inteligentes do Auroral continuam a implementar-se no Alentejo

—
Texto

Patrícia Gomes da Silva,
Diretora de Serviços de Fiscalização

O Piloto Alentejo envolve a criação de serviços digitais inovadores focados nas áreas rurais nos 5 domínios inteligentes do AURORAL, cujos objetivos estão totalmente alinhados com a estratégia de desenvolvimento regional, promovida pela CCDR Alentejo.

Com o Projeto AURORAL, o Alentejo integra novos serviços inter-setoriais para criar Comunidades Inteligentes interligadas e atingir os seus objetivos: melhorar a qualidade de vida dos residentes, dinamizar o investimento empresarial, inverter a tendência de despovoamento e diversificar, inovar e integrar a oferta turística.

No âmbito do projeto, o Piloto Alentejo continua o processo de instalação dos equipamentos e serviços, com o intuito de monitorizar e promover a digitalização nos diversos domínios inteligentes do projeto.

Em Arronches, a equipa da CCDRA e o parceiro Irradiare juntaram-se à equipa do Município, para a instalação de equipamentos sensorizados: antenas LoRAWAN e uma estação meteorológica. Este domínio *Smart Energy* inclui ainda a sensorização de contentores de recolha de resíduos urbanos e de otimização de rega em espaços públicos.

Esta rede de sensores vai permitir monitorizar o consumo de energia e água com plataforma dedicada, bem como o controle da qualidade do ar, clima, resíduos e poluição. A capacidade de receber e combinar dados permite um uso mais eficiente dos recursos públicos e ajudará a mitigar os impactos das mudanças climáticas na região.

Ainda no domínio da *Smart Energy*, as equipas da CCDRA e da Irradiare, estiveram em Odemira onde, com a equipa deste Município, instalaram diversos equipamentos e sensores que vão permitir uma rede de iluminação pública mais eficiente, parques de energia verde, monitorização do consumo público de água, recolha otimizada de resíduos, entre outros. A digitalização promovida pelo Auroral permite integrar e gerir diferentes soluções para converter uma freguesia rural num modelo de Comunidade *Net Zero Energy*.

Nos últimos meses, tem vindo a ser trabalhado o domínio *Smart Health* em conjunto com a Santa Casa da Misericórdia de Portel, com visitas e com a implementação dos sensores necessários para a digitalização dos serviços e cuidados de saúde, em particular aos idosos, promovendo-se o envelhecimento saudável e a permanência durante mais tempo nas suas residências.

Para além destes, a dimensão do *Smart Tourism* obteve um avanço significativo com a entrada, em fase final, para apresentação, da plataforma de gestão integrada de destinos turísticos no Alentejo.

O contínuo acompanhamento no território, com visitas e reuniões presenciais, mostraram ter uma importância significativa nos avanços que são pretendidos na fase de implementação e na deteção de eventuais barreiras e desafios que vão surgindo, de uma forma mais preventiva, de modo a ultrapassá-las.





CCDR
ALENTEJO

CCDR Autarquias

SITE | <https://www.ccdr-a.gov.pt>
EMAIL | dsal@ccdr-a.gov.pt

Subscreva a newsletter
CCDR Autarquias



<https://www.ccdr-a.gov.pt/edicoes-ccdr-autarquias/>

Mais coordenação regional, mais acesso à cultura

A cultura é transversal a muitas das políticas da União Europeia (UE), seja no domínio social, da educação, da investigação, do desenvolvimento regional ou das relações externas e assenta num postulado: o respeito pela riqueza da diversidade cultural e linguística e a salvaguarda e desenvolvimento do património cultural europeu (artigo 3.º do Tratado da União Europeia).

Assim, preservar o património cultural e promover a cooperação e os intercâmbios transnacionais entre instituições culturais nos Estados-Membros continuam a ser vetores fundamentais nas políticas destes mesmos estados. Todavia, juntam-se-lhe novos desafios, como o impacto das tecnologias digitais e o apoio à inovação nos setores culturais e criativos.

O respeito pelas culturas europeias e a promoção da sua diversidade são basilares. Com efeito, a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia determina que as artes são livres e impõe que a UE respeite a diversidade cultural, religiosa e linguística.

Reconhecendo que a cultura é fundamental para construir sociedades inclusivas e coesas e para sustentar a competitividade da Europa, a transição digital, a mundialização, a crescente diversidade societal e a evolução dos ambientes de trabalho, o Conselho da UE decidiu pôr em prática o Plano de Trabalho para a Cultura (2019-2022), do qual decorreram seis prioridades: a sustentabilidade no domínio do património cultural; a coesão e o bem-estar; um ecossistema que apoie os artistas, os profissionais da cultura e da criação de conteúdos europeus; a igualdade de género; as relações culturais internacionais e a cultura como motor do desenvolvimento sustentável.

Texto
Luís Santos,
Diretor de
Serviços de
Apoio Jurídico e
à Administração
Local

Por seu turno, a Comissão Europeia colabora regularmente com as autoridades nacionais, regionais e municipais, bem como com as organizações internacionais competentes, a fim de partilhar as melhores práticas em matéria de cultura e desenvolvimento regional.

Assinale-se a este respeito o facto de, no dia 7 de dezembro de 2022, o Painel de Seleção das Capitais Europeias da Cultura ter anunciado que a cidade de Évora foi recomendada para o título de Capital Europeia da Cultura 2027, em Portugal.

No plano nacional, ao estabelecer as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura, a Lei n.º 107/2001 prevê que a política do património cultural integre as ações promovidas pelo Estado, pelas Regiões Autónomas, pelas autarquias locais e pela restante Administração Pública, visando assegurar, no território português, a efetivação do direito à cultura e à fruição cultural e a realização dos demais valores e das tarefas e vinculações impostas, neste domínio, pela Constituição e pelo direito internacional.

Esta lei de bases prevê um sistema de vasos comunicantes entre a administração central e a administração local ao consagrar que os municípios comparticipem com o Estado na tarefa fundamental de proteger e valorizar o património cultural do povo português, prosseguindo por todos como atribuição comum, ainda que diferenciada nas respetivas concretizações e sem prejuízo da discriminação das competências dos órgãos de cada tipo de ente.

Também a Lei Quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004) estabelece que a política museológica nacional obedece ao princípio de descentralização, através da valorização dos museus municipais e do respetivo papel no acesso à cultura, aumentando e diversificando a frequência e a participação dos públicos e promovendo a correção de assimetrias neste domínio.

Ora, com base no disposto na Lei-quadro da transferência de competências para as autarquias locais e para as entidades intermunicipais (Lei n.º 50/2018) e no desenvolvimento que se lhe seguiu no domínio da cultura, com o Decreto-Lei n.º 22/2019, assistimos a um gradual reforço das competências dos municípios.

Sabe-se que os municípios são, por excelência, promotores de programação cultural local, com toda uma experiência acumulada ao nível da gestão, valorização e conservação do património cultural.

Daí que a transferência de competências contemple as competências de gestão, valorização e conservação dos museus que não sejam denominados museus nacionais, bem como de parte do património cultural que, sendo classificado, se considere de âmbito local (considerando-se de âmbito local os imóveis classificados do Estado com significado predominante para o respetivo município).

Carecendo o exercício destas competências de contratualização com a administração através de auto de transferência a celebrar entre o representante da câmara municipal e os membros do governo responsáveis pelas áreas da cultura e das autarquias locais ou pelo membro do Governo sob cuja alçada está o bem cultural, identificam-se, em seguida, os imóveis classificados no Alentejo relativamente aos quais já foram assinados os autos de transferência: Povoado das Mesas do Castelinho (Almodôvar); Lagar de Varas de Fojo (Moura); Castro da Cola (Ourique); Castelo da Vidigueira; Castelo de Alandroal (incluindo Muralhas de Torre de Menagem); Castelo de Terena (Alandroal); Padrão de Montes Claros (Borba); Castelo de Évora Monte (Estremoz); Villa romana de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz); Castelo de Montemor-o-Novo; Povoado Pré-histórico de Santa Vitória (Campo Maior); Castelo de Elvas; Castelo de Bélder (Gavião); Castelo de Amieira do Tejo (Nisa); Muralhas do Castelo de Portalegre e Torre de Menagem.

Também contempladas na transferência para os municípios são as relativas ao controlo prévio e fiscalização de espetáculos de natureza artística, bem como ao controlo das comunicações prévias de espetáculos de natureza artística.

A par da descentralização administrativa de competências vindas a referir, a aposta no aprofundamento da coordenação regional das políticas estaduais de proximidade territorial no domínio da cultura e a procura crescente de prestações de serviços públicos de qualidade aos cidadãos constituirão, a breve trecho, um novo desafio para as comissões de coordenação e desenvolvimento regional, na medida em que estas passam a congregar atribuições até agora prosseguidas nos serviços periféricos do setor.

Efetivamente e em decorrência da agora publicada Resolução do Conselho de Ministros n.º 123/2022, de 14 de dezembro, ao ser ampliado o leque de atribuições das CCDR, no que à cultura respeita, esta passará a ser exercida ao nível de competências de acompanhamento da atividade e fiscalização de estruturas apoiadas pelo Governo (em articulação com a Direção-Geral das Artes), de apoio à atividade cultural local e regional de caráter não profissional (em articulação com Direção-Geral das Artes), assim como o exercício das diversas valências em que se decompõe a promoção e a gestão do património cultural e do património arquitetónico e arqueológico (em articulação com a Direção-Geral do Património Cultural).

Conforme assumido na referida Resolução, este será mais um passo no visado aprofundamento da governação democrática, passando a ser conferido a CCDR Alentejo um papel mais determinante na aplicação de políticas públicas mais moldadas à diversidade territorial existente, incluindo, naturalmente, o fomento intergeracional da identidade cultural da região.

PROJETOS

CCDRA na Smart City Expo World Congress em Barcelona



Textos
Mário Simões

O Alentejo esteve presente em Barcelona, que recebeu uma das mais importantes feiras sobre a temática das Smart Cities.

O conceito Smart Cities abrange mais do que a mobilidade, as plataformas digitais ou a sustentabilidade. O objetivo fundamental de uma Smart City é a incorporação de todas estas áreas, a fim de melhorar a vida dos cidadãos.

O evento Smart City Expo World Congress constituiu-se como o ponto de convergência físico de criação de oportunidades ligadas à investigação e à educação, que proporcionam a criação de negócios nos mais diversos sectores. Proporcionam, também, oportunidades para refletir sobre o futuro da organização dos territórios no mundo.

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo esteve representada pela Vice-Presidente, Carmen Carvalheira, e pela Diretora de Serviços de Fiscalização, Patrícia Silva, numa delegação onde se incluíram, ainda, os presidentes das câmaras municipais de Alandroal, João Grilo, que é também Presidente do Conselho de Administração da Adral, de Sines, Nuno Mascarenhas, de Odemira, Hélder Guerreiro e de Montemor-o-Novo, Olímpio Galvão.

Na cerimónia de inauguração do Pavilhão de Portugal, os representantes do Alentejo estiveram ainda acompanhados, entre outros, por Miguel Castro Neves, da Universidade Nova –IMS, pelo Secretário

de Estado da Internacionalização, Bernardo Ivo da Cruz, e pelo Embaixador de Portugal, em Espanha, João Mira Gomes, que ficaram ao corrente do que se faz em Portugal no que às smart cities diz respeito.

Quem também passou pelo stand de Portugal e manteve um proveitoso diálogo com os autarcas alentejanos e também com os representantes da CCDRA e Adral, foi a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa.

No decorrer do evento, a Vice-presidente da CCDRA, Carmen Carvalheira, participou num painel de debate, cuja organização coube ao Projeto H2o2o AUROREAL, de que a CCDRA é parceiro líder.

Recorde-se que o grande desafio do Auroral é criar regiões inteligentes e o caminho começa na governação. Faz-se de experiências localizadas e criando as condições para a disseminação dos bons resultados, devidamente adaptados.

O Alentejo é um terço do país e é, ao mesmo tempo, um território de uma diversidade infinita.

O Auroral é o primeiro grande passo de um desafio que se começou a trilhar e que se quer pioneiro e que deverá colocar a região numa posição de liderança, num futuro capaz de incluir tudo e todos.

A participação do Alentejo no certame enquadrou-se no objetivo de promover a partilha de ideias e de oportunidades inovadoras e de tecnológicas para a região do Alentejo.

CCDR Alentejo aposta, cada vez mais, na Economia Circular

Texto

Rosa Onofre,
Diretora de
Serviços de
Ordenamento
do Território

Os desafios impostos pelas alterações climáticas vieram reforçar a consciência de que temos de caminhar para a sustentabilidade económica, social e ambiental através da promoção da utilização e gestão eficientes dos recursos naturais.

Governos, agentes económicos e consumidores estão cada vez mais conscientes da necessidade de agir, visando a circularidade de produtos, processos e modelos de negócio que apostem na reutilização, reciclagem e recuperação de materiais e equipamentos, o que faz com que, hoje, a Economia Circular (EC) seja um dos principais temas na agenda política internacional, europeia e nacional.

A União Europeia e Portugal têm vindo a definir planos e políticas conducentes à transição para uma economia mais circular e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDR Alentejo) encontra-se perfeitamente alinhada com essa estratégia. Com a aprovação das Agendas Regionais previstas no Plano de Ação para a Economia Circular (PAEC) pelo Fundo Ambiental, em 2017, a transição da região Alentejo para uma economia cada vez mais circular tornou-se num desafio para a CCDR Alentejo.



Projeto CircPro – Circular Procurement

Através do trabalho realizado por 12 parceiros de 10 regiões da União Europeia e a Noruega, o projeto *CircPro*, financiado pelo programa INTERREG EUROPE, visa promover uma transição para uma economia mais circular relacionada com a tomada de decisões a nível nacional e regional, aumentando a implementação da contratação pública circular (CPC).

De acordo com a Comissão Europeia, a contratação pública circular (CPC) pode ser definida como o processo pelo qual as autoridades públicas adquirem obras, bens ou serviços que procuram contribuir para ciclos fechados de energia e materiais dentro das cadeias de fornecimento, minimizando e, na melhor das hipóteses, evitando os impactos ambientais negativos e a criação de resíduos ao longo de todo o seu ciclo de vida (Fonte: Comissão Europeia: *Public Procurement for a Circular Economy*, outubro de 2017).

Depreende-se, então, que a aquisição circular é uma abordagem que reconhece o papel que as autoridades públicas e privadas podem desempenhar no apoio à transição para uma economia circular. A aquisição circular incentiva a considerar não apenas o princípio de “retirar-fabricar-descartar” (“*take - make - dispose*”), economia linear, mas também como a duração de vida do produto pode ser maximizada através da reparação e reutilização e como os produtos podem ser reutilizados ou reciclados uma vez atingida a sua fase de fim de vida, assegurando, desta forma, a redução do consumo de recursos limitados.

É, assim, aplicada uma abordagem de ciclo de vida completo e consideram-se aspetos como a reparação, reutilização, refabricação, reciclagem e outros, enquanto se adquirem bens e serviços. Assim sendo, a inclusão de “princípios circulares” nas práticas de aquisição (investimento) pode ajudar os compradores do setor público a adotar uma abordagem mais holística da sustentabilidade - desde as primeiras fases de um aprovisionamento até ao fim da vida útil do produto - ao mesmo tempo que se consegue uma potencial poupança.

Com base nestes pressupostos, o projeto *CircPro* tem como principal objetivo aumentar a implementa-



ção da aquisição circular ao abrigo dos instrumentos de política pública existentes, para que os princípios e critérios da economia circular sejam incorporados ou tidos em conta como um princípio horizontal. Ou seja, pretende-se promover a aquisição circular a partir de diferentes abordagens que têm diferentes níveis de complexidade, sendo que todas elas facilitam circuitos fechados, mas onde o foco muda de produtos de melhor qualidade para produtos novos e inovadores e para novos conceitos de negócios.

No passado mês de novembro, foi realizada a primeira ação de capacitação que contou com cerca de 12 participantes.

Ao considerar-se a CPC como um instrumento estratégico que desempenha um papel importante na transição para a economia circular, através deste projeto, a CCDD Alentejo contribui, também, para o prosseguimento dos objetivos estabelecidos na Agenda para o Desenvolvimento Sustentável 2030, especificamente para o Objetivo 12, que determina um objetivo específico para a promoção de práticas sustentáveis de contratação pública.

DECISO - (DEvelopers of Circular SOLUTIONs)

Recentemente iniciado o projeto DECISO (11.2023 a 11.2025), financiado pelo programa HORIZONTE EUROPA, será desenvolvido por 10 parceiros de 5 países da União Europeia com o objetivo de serem

desenhados esquemas de financiamento a projetos de economia circular relacionados com quatro setores. O projeto irá permitir criar quatro projetos-piloto nas regiões de Hamburgo, Noroeste da Alemanha, Oeste da Macedónia e Alentejo, abrangendo, respetivamente, os setores dos resíduos, água, energia e agroalimentar.

Através da definição de Ecossistemas de Economia Circular (EEC), procura-se, assim, o desenvolvimento de novos produtos e serviços economicamente viáveis e ecologicamente eficientes, radicados em ciclos idealmente perpétuos de reconversão a montante e a jusante. Os resultados são a minimização da extração de recursos, maximização da reutilização, aumento da eficiência e desenvolvimento de novos modelos de negócios.

O Alentejo, enquanto região-piloto, terá o setor agroalimentar, como o setor estratégico para a região, onde as dinâmicas existentes e as cadeias de valor identificadas demonstram potenciais de circularidade. Para o trabalho a desenvolver, a CCDD Alentejo pretende promover o envolvimento de todos os parceiros do FECA relacionados com o setor agroalimentar bem como com todos os parceiros que demonstrem interesse em acompanhar os restantes setores identificados no projeto, criando pontes com os parceiros responsáveis pelos projetos piloto.

ELIA ACADEMY 2023 EM ÉVORA

Texto

Ana Telles ,
Presidente do Conselho
Diretora da Escola de Artes
da Universidade de Évora

Como elemento de uma renovada estratégia de crescimento e internacionalização, a Escola de Artes da Universidade de Évora aderiu, em 2017, à *ELIA – European League of Institutes of the Arts*. Esta rede internacional, criada em 1990, congrega instituições de ensino superior das Artes e conta com 260 membros em 48 países (da Europa e do mundo), representando um universo de cerca de 300.000 estudantes das mais variadas disciplinas artísticas.

Focada em promover o ensino superior artístico e o desenvolvimento económico e social através das Artes, bem como em estimular o diálogo intercultural, pode afirmar-se que a ELIA é a maior e mais ativa rede internacional nas áreas em que opera, potenciando o diálogo entre os seus membros, promovendo a troca de boas práticas e influenciando, de forma decisiva, o poder político (particularmente, a nível europeu).

Em anos alternados, a ELIA promove um evento de grande dimensão e impacto a nível das práticas pedagógicas em Artes: a ELIA Academy. O objetivo desta Academia é estimular e envolver artistas, professores e investigadores no debate com os seus pares em instituições de ensino superior a nível internacional através da participação e do envolvimento num programa variado. O seu principal foco é o "estado da arte" do ensino e da aprendizagem no Ensino



Superior das Artes, oferecendo oportunidades para partilhar e desfrutar de uma série de apresentações formais e informais, trabalhos em curso, palestras, oficinas criativas, debates e atividades sociais, criando uma montra para a educação artística em relação com a prática criativa.

A possibilidade de acolher ELIA Academy 2023 configura-se, pois, como:

Uma oportunidade para promover e dar a conhecer, num âmbito internacional alargado, a Escola de Artes, a Universidade de Évora, a cidade de Évora e a região do Alentejo, através do eixo da criação cultural e artística e respetivo impacto na área das indústrias criativas.

Um passo importante no aprofundamento da dinâmica colaborativa, entre parceiros estratégicos (como a Universidade de Évora, a Direção Regional da Cultura do Alentejo, a Câmara Municipal de Évora, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, a Fundação Eugénio de Almeida, a entidade do Turismo regional, entre outras), exponenciando o trabalho já desenvolvido no âmbito da candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura 2027.

Uma excelente ocasião para envolver e dar a conhecer, a delegados do mundo inteiro, a cidade de Évora e, particularmente, as suas instituições culturais.

Considerando essa visão, a Escola de Artes da Universidade de Évora preparou e submeteu, em devido tempo, uma candidatura a instituição de acolhimento da ELIA Academy 2023, tendo essa candidatura saído vencedora no âmbito de um processo de seleção altamente competitivo.

Consequentemente, a ELIA Academy 2023 terá lugar em Évora, entre 10 e 12 de Maio de 2023, estando já definidos o tema (*Exploring situatedness*) e a chamada para contributos (na base dos quais virá a ser composto o programa definitivo do certame). Note-se que a própria definição do tema coloca as singularidades do território em que nos inserimos no centro das atenções, convidando os participantes a experimentarem e levarem consigo alguns dos elementos distintivos de Évora e do Alentejo, assim como a deixar-se inspirar por eles no desenvolvimento das suas práticas artísticas e pedagógicas.

Uma excelente ocasião
para envolver e dar a
conhecer, a delegados
do mundo inteiro,
a cidade de Évora
e, particularmente,
as suas instituições
culturais.



CHARTER in REGIONS em Évora

Uma aliança para o Desenvolvimento do Setor do Património Cultural

Texto

Alexandra Correia,
Coordenadora no Departamento de
Desenvolvimento e Cooperação - ADRAL



Foram dois dias intensos de partilha, reflexão e aprendizagem em torno do ecossistema cultural do Alentejo.

Realizou-se nos dias 25 e 26 de outubro, no âmbito do Projeto Charter - *Skills Alliance*, financiado pela União Europeia, através do programa ERASMUS+, o *Workshop "Traditions of Cultural Heritage"*, organizado pela ADRAL- Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo (enquanto entidade parceira), com a colaboração da Fundação Eugénio de Almeida, da IrRADIAR e da ERRIN.

O evento decorreu na Fundação Eugénio de Almeida, em Évora, e a sessão de abertura contou com a presença da Secretária Geral da Fundação Eugénio de Almeida, Maria do Céu Ramos; Marcos António Nogueira, da IrRADIAR, e João Grilo, Presidente da ADRAL.

Seguiu-se a apresentação do Projeto Charter pelos seus responsáveis, Herman Bashiron Mendolicchio, da Universidade de Barcelona, e Astrid Hannes, da ERRIN.

Alexandra Correia, coordenadora do departamento de desenvolvimento e cooperação da ADRAL, apresentou o *Booklet* que caracteriza o ecossistema do património cultural do Alentejo, seguindo-se um painel de discussão que contou com a presença de Carmen Carvalheira, Vice-presidente da CCDRA; Ana Paula Amendoeira, Diretora Regional de Cultura do Alentejo e Herminia Vilar, Reitora da Universidade de Évora.

Ao longo de dois dias foram realizados vários grupos de trabalho, apresentadas boas práticas e realizadas visitas de estudo na região (Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial, Paço de São Miguel, na Fundação Eugénio de Almeida, e Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz), o que se manifestou uma oportunidade para refletir sobre os desafios, as dinâmicas e o papel do Património Cultural do Alentejo.

Foi, ainda, possível aprofundar o conhecimento e trocar ideias sobre as políticas da União Europeia, programas de financiamento, formação e projetos inovadores relacionados com o Património Cultural.

Foram dois dias intensos de partilha, reflexão e aprendizagem em torno do ecossistema cultural do Alentejo, com a participação dos principais *stakeholders* da região e de 12 países da UE, e que serão, certamente, uma mais valia para desenvolver, a nível regional, o setor do Património Cultural.

O projeto CHARTER desenvolve ações no âmbito da temática do Património Cultural, com o objetivo de aprimorar a Formação, a Educação e os papéis desempenhados pelo setor. É um projeto financiado pelo Erasmus+, que teve início em Janeiro de 2021 e irá até Dezembro de 2024. O projeto CHARTER procura criar uma estratégia setorial, duradoura e abrangente, para garantir que a Europa disponha das competências necessárias, em matéria de património cultural, para apoiar uma sociedade e economia mais sustentáveis, incluindo competências transversais, tais como competências digitais/tecnológicas e ao nível da economia verde/azul. Ao combinar a colaboração estratégica e as abordagens inovadoras, o projeto colmatará as lacunas entre os sistemas educativos e profissionais e as necessidades dos empregadores. A aliança no âmbito do CHARTER irá integrar metodologias e resultados que assegurem um impacto a nível europeu, nacional e regional, a fim de permitir à Europa proteger, promover e melhorar, de forma sustentável, o seu património cultural tangível e intangível.

Vice-Presidente da CCDR Alentejo, Carmen Carvalheira, na Semana Europeia das Regiões e Cidades

Texto
Mário Simoes

Bruxelas recebeu, no passado mês de outubro, a 20.^a edição da «Semana Europeia das Regiões e das Cidades», promovida pelo Comité das Regiões Europeu e pela Direção-Geral de Política Regional e Urbana (DG REGIO) da Comissão.

Tendo como lema «Novos desafios para a coesão da Europa», regiões e cidades deram a conhecer a sua capacidade de gerar crescimento e emprego, bem como de aplicar a política de coesão da União Europeia, demonstrando a importância do nível local e regional para a boa governação europeia.

Carmem Carvalheira, Vice-Presidente da CCDR Alentejo, participou em reuniões importantes para o posicionamento do Alentejo no âmbito de uma Europa cada vez mais inovadora, destacando-se as que debateram temas como a transição digital para comunidades inteligentes nas regiões europeias, o reforço da governação multinível, lições e desafios

para Portugal e o papel das cidades e regiões na aceleração da transição energética para alcançar os objetivos COP 27 e do Acordo de Paris.

Destaque, ainda, para a participação da Vice-Presidente da CCDR nos debates sobre as Regiões Europeias para uma transformação digital mais verde, mais azul e mais brilhante e, ainda, sobre os atores e organizações da sociedade civil na transição da energia verde, assim como no evento sobre Inovação Regional para Cultura e Criatividade.

Carmem Carvalheira foi, ainda, no dia 12 de outubro, recebida em Bruxelas pelo Representante do Alentejo, o Engenheiro Marcos Nogueira, para a assinatura da Carta da Missão de Adaptação às Alterações Climáticas.

A assinatura da Carta veio confirmar a aceitação do papel da região do Alentejo como piloto na Missão Europeia de Adaptação às Alterações Climáticas no quadro do *Horizon Europe*.

Assim, reforça-se o compromisso da região com as metas Europeias de 2030, bem como a tradução no posicionamento Europeu da região e do resultado dos esforços de adaptação regionais e locais, incluindo o envolvimento dos cidadãos no processo de tomada de decisão.

A Comissão Europeia selecionou a região do Alentejo como um dos primeiros signatários para participar na Missão de Adaptação às Alterações Climáticas, que irá apoiar o Pacto Verde Europeu e a Estratégia de Adaptação Climática da União Europeia.

A Missão de Adaptação às Alterações Climáticas iniciou-se com a adoção de uma comunicação sobre as Missões da União Europeia, seguida da aprovação dos planos de implementação individuais das Missões. Esta missão pretende apoiar o processo de resiliência climática das regiões europeias, ajudando-as a diagnosticar, sistematizar e gerir os riscos associados às alterações climáticas.

Enquanto região-piloto, o Alentejo confirmou a sua cooperação com as restantes regiões europeias, redes e instituições na sustentação de soluções conjuntas para este desafio comum.



CCDR Alentejo e ATAM assinaram protocolo de colaboração

Texto
Mário Simoes

A CCDR Alentejo e a ATAM – Associação dos Trabalhadores da Administração Local – assinaram um protocolo de colaboração em que se prevê a possibilidade de desenvolvimento de ações conjuntas de promoção, formação e qualificação para técnicos e/ou dirigentes em áreas de atuação comum, tendo em vista o reforço da importância da Administração Local e a valorização dos trabalhadores que exercem funções públicas.

O protocolo foi assinado pelo Vice Presidente da CCDR Alentejo, Aníbal Reis Costa, e pelo Presidente da ATAM, Marcelo Delgado.

É a primeira vez que existe, formalmente, uma colaboração deste género e que tem como objetivo fortalecer e projetar as atividades dos dois organismos nesta área para toda a região.

Esta não é a primeira vez que a CCDR Alentejo e a ATAM colaboram. Em outubro passado, no auditório da CCDR Alentejo, realizou-se, pela primeira vez, uma sessão de informação e esclarecimento sobre ‘Medidas Excecionais e Temporárias da Revisão de preços’.

Uma temática tão atual e importante que levou mais de cem participantes da região Alentejo e Lezíria do Tejo, das Comunidades Intermunicipais e empresas intermunicipais e CCDR Alentejo a estarem



presentes e terem intervenções de carácter prático e direto, que permitiu a interação dos intervenientes para tentativa de resolução de casos concretos.

Para além do Vice-Presidente da CCDR Alentejo, Aníbal Costa, estiveram presentes, entre outros, Carlos Saldanha (ATAM), Licínio Lopes Martins (Faculdade Direito da Universidade de Coimbra) e Luís Santos (CCDR Alentejo).

Aníbal Costa no seminário de apresentação de resultados do Projeto Coop4Pam

O Vice-Presidente da CCDR Alentejo, Aníbal Costa, participou na sessão de encerramento do Seminário de Apresentação de Resultados do Projeto Coop4pam – Plantas Aromáticas e Medicinais –, que decorreu na Escola Profissional Moura Epm.

Este projeto é financiado pelo Interreg Espanha-Portugal - Poctep e conta com 9 parceiros, entre os quais a ADCMoura.

O Coop4PAM é o acrónimo do Projecto, que significa: cooperar para crescer no setor das plantas aromáticas e medicinais. Trata-se de um Projecto financiado pelo Interreg Espanha-Portugal - Poctep e



conta com 9 parceiros, entre os quais a ADCMoura, e que se apresenta como um forte compromisso para a promoção do setor das PAM no contexto da EUROACE, de modo a atuar como uma alavanca de competitividade, através da qual se potencia a inovação e a transferência de tecnologia.

Évora acolheu o INFORM EU e REGIOSTARS

—
Texto

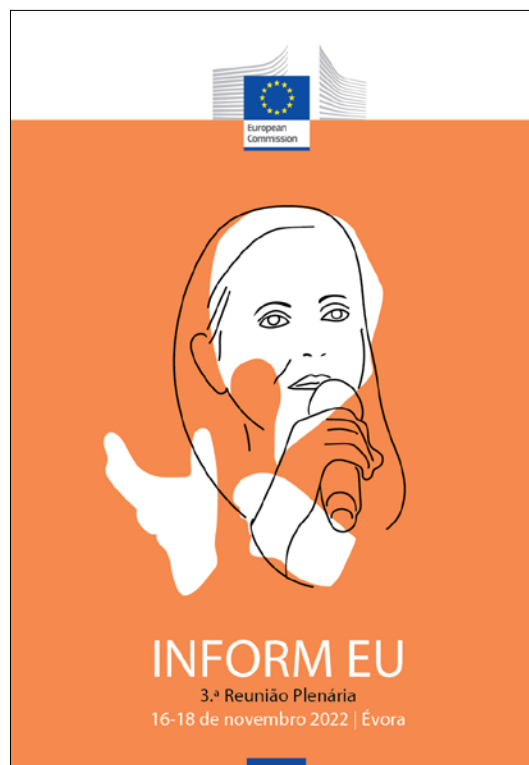
Claudia Henriques | Ana Custódio

Equipa Multidisciplinar para a Comunicação, Relações
Publicas e Protocolo

Évora foi a cidade escolhida pela Comissão Europeia para a realização da 3ª Reunião Plenária do INFORM EU, que decorreu entre 16 e 18 de novembro de 2022, no Convento do Espinheiro.

O INFORM EU é uma rede de agentes de comunicação, à escala da União Europeia, responsável por comunicar os investimentos da UE e dos Estados-Membros em gestão partilhada, abrangendo os seguintes fundos da UE: Política Regional, Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), Fundo para uma Transição Justa (FTC), Fundo de Coesão (FC); Política Social, Fundo Social Europeu (FSE+); Assuntos Internos, Fundo de Asilo, Migração e Integração (AMIF), Instrumento de Gestão de Fronteiras e Vistos (BMVI), Fundo de Segurança Interna (ISF); Assuntos Marítimos, Fundo Europeu Marítimo, das Pescas e da Aquicultura (EMFAF).

A Rede INFORM EU abrange, ainda, o Mecanismo de Recuperação e Resiliência, um instrumento temporário para ajudar os Estados-Membros a lidar com as consequências sociais e económicas da pandemia de COVID-19 e construir uma Europa mais sustentável e resiliente.





A reunião plenária que decorreu em Évora (Alentejo) foi organizada pela Comissão Europeia – Direção-Geral da Política Regional e Urbana (DG REGIO) e contou com a colaboração da Agência para o Desenvolvimento e Coesão (AD&C) e da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDR Alentejo) e juntou mais de 350 pessoas oriundas de vários países da União Europeia, responsáveis pelas áreas de comunicação.

O objetivo da Rede é promover a experiência dos Estados-Membros e das regiões no domínio da comunicação, visibilidade e transparência da UE, ao mesmo tempo que estabelece uma plataforma de cooperação entre a Comissão e os programas da UE em gestão partilhada. Destina-se a aumentar a visibilidade da ação da UE a nível nacional, regional e local através do intercâmbio de experiências e boas práticas na implementação de medidas de informação e comunicação; coordenação das atividades de comunicação entre os Estados-Membros e a Comissão; avaliação e discussão de estratégias para aumentar o alcance e o impacto das atividades de comunicação.

Foram 3 dias de debates sobre matérias da atualidade da comunicação relacionada com os Programas e Fundos Europeus e identificação de estratégias e desafios para o próximo período de programação 2021-2027, cujos programas foram, recentemente, aprovados. Durante aqueles dias, os participantes puderam visitar e conhecer de perto vários projetos financiados por Fundos Europeus na Região Alentejo, exemplos de boas práticas da utilização dos fundos comunitários.

Para comemorar o 15º aniversário dos Regiostars, realizou-se, no Teatro Garcia de Resende, a Gala dos Prémios REGIOSTARS, este ano, sob o tema “15 Projetos por 15 anos”, tendo sido selecionados 15 projetos entre finalistas e vencedores das últimas edições.

Anualmente, a Comissão Europeia atribui estes prémios, que visam identificar boas práticas em desenvolvimento regional e destacar projetos inovadores financiados pela UE, com o objetivo de inspirar outras regiões.

A Comissária para a Coesão e Reformas, Elisa Ferreira, e a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa premiaram os projetos favoritos do público na cerimónia Regiostars.

Portugal concorreu com os projetos “Ecomare”, cofinanciado pelo Programa Operacional do Centro 2007-2013, e a “Central Hidroelétrica dos Socorridos”, cofinanciado pelo Programa Operacional da Madeira 2007-2013.

O projeto Vencedor do Public Choice Award foi a Reabilitação e Restauração de Cittadella Gozo (Malta), o segundo lugar do Public Choice Award foi o E-SCHOOLS, PILOT PROJECT e o terceiro lugar coube ao projeto PICSA.

A cerimónia REGIOSTARS foi seguida de um jantar de gala na Arena d’ Évora, o qual contou com a colaboração do Município do Redondo, que teve a amabilidade de disponibilizar uma rua florida móvel (alusiva ao evento de base popular que consiste na decoração das ruas da vila de Redondo com flores de papel) e oferecer flores de papel para todos os participantes.

O apoio do Município do Redondo manifestou-se, também, na articulação com a Adega Cooperativa de Redondo e vários produtores que, muito amavelmente, disponibilizaram vinho regional para o jantar.

A atuação das Cantadeiras do Redondo proporcionou um excelente momento musical/cultural que fizeram as delícias de todos os participantes.

O Alentejo sabe receber...

CCDR Alentejo tem espaço para arte e cultura



O edifício sede da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, que foi inaugurado no já distante ano de 1994, foi pensado para acolher e dar aos funcionários da instituição as condições ideais para desenvolverem o seu trabalho em prol do Alentejo.

As instalações eram amplas, modernas, funcionais e desenhadas de forma arrojada para serem, também elas, um modelo de modernidade e que ultrapassasse o mero aglomerado de gabinetes.

A CCDR Alentejo queria cortar um pouco com o cinzentismo dos edifícios públicos e, de certa forma, abri-lo àqueles que servem as populações alentejanas e não só.

Por isso, foi dado destaque na conceção do edifício aos espaços extra: gabinetes, como o auditório, a galeria de exposições e o amplo hall de entrada, que mereceu, sempre, por parte dos responsáveis da CCDR Alentejo, uma atenção especial, por ser a montra de uma instituição que serve e promove a região.

A arte e a cultura nunca foram esquecidas e, em parceria com outras instituições públicas e privadas, tentou-se mostrar o que de bom, nesta área, se fazia no Alentejo. De um protocolo com o IIEFP, nomeadamente de Reguengos de Monsaraz, resultaram algumas obras que, durante anos, deram um colorido diferente ao hall da CCDR Alentejo.

Texto
Mário Simões

Paralelamente a estas parcerias externas, foi aberta aos próprios funcionários o espaço da Galeria e aí foram expostos trabalhos de pintura que, quer “pessoas da casa” quer talentos alentejanos, têm mostrado a sua arte.

A concentração dos funcionários num só espaço potencializou o associativismo e surgiu a Casa do Pessoal da CCDR Alentejo, uma Associação de natureza cultural, recreativa, desportiva e socioeconómica e que tem, ao longo dos anos, desenvolvido uma atividade cultural de relevo, organizando diversas exposições e concursos de fotografia, que mobilizam um grande número de funcionários.

Um dia, por iniciativa de um dos mais dinâmicos e emblemáticos funcionários da CCDR Alentejo, Peres Faria, surgiu a ideia de dar voz às vozes dos trabalhadores, surgindo, então, o Coro da CCDR.

Era com expectativa que se aguardava pela Festa de Natal ou pelo dia de Reis para se ouvir o afinado Coro, que fez ainda algumas atuações fora da instituição.

Infelizmente, o Coro desapareceu, mas espera-se que, com a entrada de “sangue novo” na instituição, se possam ouvir, entre as vidraças e o mármore do edifício, vozes afinadas e músicas que darão um brilho melhor ao edifício.

E se as vozes poderão vir a dar brilho, para já, e mercê de um protocolo com a Escola de Artes da Universidade de Évora, os diversos espaços do edifício da CCDR Alentejo são agora, e irão ser ainda mais, um enorme museu vivo, com peças das mais variadas tendências da arte contemporânea.

Em breve, haverá novidades no que à arte e cultura alentejana diz respeito. As instalações da CCDR Alentejo vão continuar a cumprir o seu papel, albergar tudo o que for de interesse e decisivo para o desenvolvimento do Alentejo e a dar à cultura um lugar de destaque.





CCDRA no Portugal *Air Summit* deu destaque ao AURORAL

A 6ª edição do Portugal *Air Summit*, que se realizou entre os dias 12 e 15 de outubro, em Ponte de Sor, foi a maior edição de sempre com um aumento de parceiros em cerca de 70%, uma área de exposição duas vezes maior do que na última edição.

Passagem obrigatórias dos ilustres visitantes da maior cimeira aeronáutica da Península Ibérica, nomeadamente a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, o espaço da CCDR Alentejo, desta vez com o seu novo *stand*, serviu para mostrar, de forma moderna, as áreas de trabalho da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo.

Para António Ceia da Silva, Presidente da CCDRA, a presença deste organismo no certame que foi apoiado pelos fundos estruturais tem que ver com a importância que a CCDRA dá “à aeronáutica e ao *cluster* aeronáutico que tem Ponte de Sor, como um dos eixos para o desenvolvimento das

dinâmicas da inovação e diversificação das atividades económicas da região”, destacando Ponte de Sor como “um dos expoentes máximos, que tem Évora, Beja e Grândola como outras âncoras para afirmar o *cluster* como um todo no Alentejo”.

Um dos destaques que a CCDRA levou ao *Air Summit* foi o projeto Auroral, no qual a CCDRA lidera e que, para Patrícia Gomes da Silva da equipa da CCDRA no Auroral, tem como objetivo “trazer para o Alentejo a digitalização, nomeadamente para as zonas rurais”, referindo que o Alentejo, no seu todo, é um dos oito pilotos europeus, tendo vários casos de uso, nos cinco domínios do projeto, mobilidade, saúde, turismo, energia e agricultura”.

Para aquela responsável, o Auroral pretende, no Alentejo, “dar um impulso para que as zonas rurais possam fortalecer, criar e desenvolver as suas partes digitais, sem que, com isso, percam a identidade de zona tipicamente rural alentejana”.

Texto
Mário Simões

Evento anual do Jessica foi em Alter do Chão



Texto
Mário Simões

A Secretária de Estado do Desenvolvimento Regional, Isabel Ferreira, esteve presente no Evento Anual do Fundo JESSICA (Joint European Support for Sustainable Investment in City Areas), que decorreu no passado dia 12 de outubro, no Hotel Vila Gale Collection Alter Real, em Alter do Chão.

António Ceia da Silva, Presidente da CCDRA e responsável pela presidência do Comité de investimento do Fundo, destacou a importância deste instrumento de apoio que permitiu não só a recuperação de espaços históricos e culturais como, principalmente, a criação de empregos.

Presente, também, no evento esteve Miguel Morgado, Chefe de representação do Grupo BEI- Banco Europeu de Investimento que salientou a importância do Fundo que, ao longo dos dez anos de existência, conseguiu, com cerca de 133 milhões de euros de fundos públicos, mobilizar um investimento total de mais de 830 milhões de euros”.

A Secretária de Estado do Desenvolvimento Regional, Isabel Ferreira, destacou a importância do Fundo na criação de 4000 postos de trabalho diretos e uma grande dinâmica de outras dinâmicas, indiretamente.

O Fundo JESSICA, lançado pela Comissão Europeia e pelo Banco Europeu de Investimentos, visou apoiar, no contexto da Política de Coesão, as autoridades dos Estados Membros da União Europeia na utilização de instrumentos de engenharia financeira para financiamento dos investimentos em desenvolvimento urbano sustentável. Em Portugal, o fundo foi financiado pelos Programas Operacionais do Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, Algarve e Direção Geral do Tesouro e Finanças e contou com a colaboração do Banco BPI, do Banco CGD e do Turismo de Portugal.

Na XXI Feira do Montando, em Portel, a CCDRA deu a conhecer a Missão: Alentejo



A Feira do Montado, em Portel, tem tido, ao longo dos anos, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional como parceiro. A presença desta instituição é uma constante e é marcada através de um stand, no qual promove o trabalho desenvolvido pela CCDRA na região.

Este ano, este importante certame, que tem por base uma das maiores riquezas do Alentejo: o montado. Regressou após dois anos, em que, devido à pandemia que nos assolou, não foi possível a sua realização.

A CCDRA voltou a estar presente com o seu novo e moderno stand, onde promoveu as suas mais recentes atividades, como o Centro Qualifica, a Estratégia Regional de Especialização Inteligente- EREI 2030, “uma (nova) década para co-construir região e desafiar o futuro” e mostrou aos visitantes da Feira

do Montado a segunda edição da Revista da CCDRA, “Missão: Alentejo”.

De referir que, nesta segunda edição, o destaque foi o apoio do Estado à Comunicação Social alentejana feita através da CCDRA, mas também a aprovação do Relatório Anual de Execução 2021 do Alentejo 2020, bem como dos trabalhos que têm vindo a ser realizados, com vista à preparação do seu encerramento. O seu principal objetivo é a aceleração da execução do Programa Operacional.

No seu editorial, António Ceia da Silva, Presidente da CCDRA, refere que “o processo negocial do Alentejo 2030 é o culminar de um trabalho iniciado pela CCDRA, em 2018, o qual foi amplamente trabalhado a nível regional, envolvendo todos os parceiros e agentes do território, através da realização de vários eventos, debates e sessões técnicas”.

Texto
Mário Simões

CCDR – entre desafios e oportunidades



António Oliveira das Neves,
Economista e Consultor
da CCDR Alentejo.

A transformação político-institucional das CCDR ocorre num contexto de especiais desafios e oportunidades, onde convergem o exercício de atribuições e de competências próprias, a consolidação política das comunidades Intermunicipais, o prolongado défice de coordenação institucional com entidades da Administração desconcentrada do Estado e, também, uma trajetória de desvitalização técnica e humana que tem tornado mais difícil a afirmação de lideranças técnico-políticas de base regional.

Centrando estas breves notas no terreno das atribuições e competências, as CCDR têm combinado intervenções nas esferas do desenvolvimento regional e do ordenamento do território, com responsabilidades de programação e de gestão de instrumentos operacionais, dotados de financiamento pelos Fundos estruturais. No último ciclo de programação (2014-2020), foram acrescentadas funções ligadas à preparação, conceção e gestão das Estratégias de Especialização Inteligente que reforçaram o protagonismo das CCDR junto dos sistemas regionais de inovação, procurando ultrapassar não só as fragilidades de coordenação necessária para dinamizar os processos RIS 3, mas também beneficiar de referenciais indispensáveis para a gestão de diversos eixos prioritários dos Programas Operacionais (referência estratégica para aplicação de critérios de análise e seleção de ações e projetos).

À luz do conhecimento existente da realidade institucional e operativa da CCDR Alentejo, são identificáveis alguns fatores críticos (FC) que constituem, simultaneamente, outras tantas oportunidades para desenhar respostas gradualmente mais sólidas perante um perfil compósito e crescentemente exigente de atribuições e competências.

FC - Gestão de instrumentos de programação do desenvolvimento regional

A dimensão estratégica da gestão destes instrumentos tem estado, de um modo geral, ausente quando é indispensável para induzir procuras orientadas e qualificadas que, ao explorarem as condições de elegibilidade, potenciem componentes de investimento capazes de estimular resultados e efeitos dos projetos e de ampliarem os seus impactos nos territórios, no interesse dos promotores/beneficiários, dos setores e da Região.

Paralelamente, esse é o terreno onde podem ser promovidas oportunidades de financiamento, incentivando uma articulação ativa entre mecanismos de diversos Fundos (nomeadamente, FEDER/FSE, FEDER/FEADER e FEAMPA).

As CCDR têm um importante papel dinamizador, reconhecido pelo Acordo de Parceria Portugal 2030, gerando ideias mobilizadoras e liderando a montagem de parcerias para “fazer acontecer” intervenções diferenciadoras, no quadro de abordagens integradas de desenvolvimento territorial, fazendo o que não foi feito, ou não tem sido possível fazer, apenas pelos mecanismos de gestão da procura.

Na ótica da gestão orientada para resultados do Programa, os mecanismos de monitorização estratégica e operacional do Alentejo 2021-2027 e das intervenções dos FEEI na Região revestem crucial importância. A Avaliação ex-ante do Programa Regional questiona amiúde como pretende, a futura Autoridade de Gestão, equacionar os trabalhos de monitorização e avaliação, recomendando a necessidade de definir dois processos complementares, integrados num único sistema: (i) monitorização da implementação, que alimenta regularmente os Relatórios de Execução do Programa; e (ii) monitorização estratégica, focada nos contributos do Programa para os impactos esperados e no acompanhamento da incidência na Região dos programas temáticos e, também, da robustez de efeitos da EREI Alentejo.

FC- Observação e Acompanhamento das Dinâmicas Regionais (OADR)

A possibilidade de desenvolver a perspectiva descrita de monitorização estratégica e operacional, a par da assunção de um papel atuante na promoção do desenvolvimento regional e na organização de conhecimento e pensamento neste domínio, carece de um OADR com uma matriz de intervenção, dotada de perspectiva estratégica e capacidade operacional para a função de monitorizar resultados e impactos das políticas públicas na Região, cruzando/processando informação relativa a programas com incidência territorial no Alentejo.

Este papel pressupõe uma intervenção qualificada assente em metodologias estabilizadas e no reconhecimento do OADR (ou outra entidade que lhe suceda) como interlocutor interno e externo, na relação com vários organismos setoriais e preparando informação estruturada a mobilizar em suporte da intervenção da CCDR nas diversas instâncias de Coordenação institucional (Conselho de Coordenação Intersectorial, Conselho Regional de Inovação e Conselho Regional).

Em termos prospetivos, a função “observação e acompanhamento” deve caminhar para um estatuto de “agência de demonstração e inovação regional”, dotada de novos perfis funcionais e profissionais, com competências de monitorização, avaliação e reporte dos resultados e efeitos da promoção do desenvolvimento regional. Este up-grade funcional poderia beneficiar do estabelecimento de protocolos de cooperação técnica, por exemplo, com o Centro de Competências de Planeamento, de Políticas e de Prospetiva da Administração Pública- PlanAPP.

Esta ambição deve desenvolver-se no contexto da construção de uma efetiva territorialização das políticas públicas setoriais e horizontais, na Região, e no quadro das dinâmicas induzidas pela Estratégia Regional, a EREI e os instrumentos de ordenamento do território vigentes.

FC- Monitorização das Estratégias Regional e de Especialização Inteligente

Num contexto de reduzida estruturação e dinâmica de coordenação do Sistema Regional de Inovação, a gestão estratégica e operacional da EREI Alentejo deveria constituir uma peça-chave de dinamização de parcerias, motivadas pelo espírito e mensagens da descoberta empreendedora e da variedade, relacionada, sobretudo, num período de (re)composição das cadeias de valor produtivas da Região.

A constituição das Plataformas Setoriais, enunciadas no texto da EREI Alentejo 2030, deverá constituir uma oportunidade de ouro para afirmar um modelo de governação que venha a envolver de forma atuante os parceiros que acompanharam a conceção da EREI, parte dos quais (Instituições de Ensino Superior, Unidades de I&D, etc.) a aprovaram, unanimemente, no Conselho Regional de Inovação.

A constituição de plataformas regionais de inovação está ligada aos objetivos estruturais da EREI, a qual prevê a constituição da Plataforma para a promoção da Sustentabilidade e Coesão Territorial (PlaSuCT), da Plataforma para o reforço das Cadeias Produtivas Regionais (PlaCaPre) e da Plataforma para a promoção da Qualificação dos Recursos Humanos Regionais (PlaQuaR). O espaço de coordenação operacional destas Plataformas está atribuído ao OADR.

Na programação do Programa Regional 2021-2027, a dotação financeira disponível do Objetivo Específico 1.4 (desenvolver competências para a especialização inteligente, a transição industrial e o empreendedorismo), visa promover uma abordagem orientada para proporcionar à EREI as condições indispensáveis a uma eficácia operativa, geradora de resultados nas escolhas fundamentadas dos demais Objetivos Específicos do Objetivo Política 1 (ótica Autoridade de Gestão do Programa Regional) e na dinamização dos instrumentos (sobretudo, as Plataformas propostas), as quais poderão materializar a EREI e as suas apostas estratégicas (domínios transversais e de especialização).

FC- Ordenamento do Território

No horizonte de médio prazo, o PROT Alentejo deverá ser objeto de revisão formal e isso deve proporcionar uma adequada reflexão em torno do binómio Orientações Estratégicas de Desenvolvimento Regional/Modelo de Ordenamento do Território, que vem constituindo uma tensão problemática em várias sub-regiões, face a modelos de especialização produtiva, que questionam as dimensões ambiental, de ordenamento e de gestão de recursos/ativos do território.

Acresce que as orientações em matéria de ordenamento do território têm, de uma vez por todas, de enquadrar escolhas e apontar para o modelo policêntrico e a emergência de corredores de polaridade, de acordo com as Diretrizes do PNPOT, estabelecendo uma “drive” determinante para a aplicação dos recursos de financiamento público.

Trata-se, pois, de um domínio de atribuições e competências da CCDR que deve ser encarado seriamente nas óticas da coordenação política e institucional e da gestão dos recursos técnicos e organizacionais.

FC- Articulação com as CIM

A complexidade institucional, associada à descentralização de competências para os níveis municipal e intermunicipal, e o protagonismo crescente das CIM na gestão e dinamização de recursos de financiamento confrontam as CCDR com novas responsabilidades de mediação e equidade territorial.

A definição em curso dos instrumentos territoriais e a negociação das dotações financeiras associadas vão obrigar a coordenação regional a desenvolver o seu poder de regulação junto das instâncias setoriais e na interface de relação com as CIM e os Municípios, implicando escolhas que pressupõem

capacitação técnica adequada em domínios de intervenção específica (ITI, DUS, critérios de programação e gestão, ...).

Estas dimensões têm grande ligação com as atribuições (e escolhas) que têm de assumir em matéria de modelo territorial. A negociação com as CIM deve ter em conta as questões relativas às assimetrias territoriais, segundo uma visão estratégica de posicionamento e interesse regional dos problemas.

Em concreto, não basta “fechar o envelope” das dotações, pois é necessário um trabalho fino com a rede urbana e as funções que os diversos centros desempenham e com a (re)estruturação das competências. Esta realidade adquire particular relevância, tendo em conta que a coordenação das políticas setoriais vai transitar para as CCDR, ou seja, deixa de ser um problema setorial para passar a ser uma responsabilidade de âmbito regional.

FC- Integração de organismos desconcentrados da Administração do Estado

A importância da Governança territorial é destacada pelo PNPOT, que lhe atribui um papel de “motor de articulação institucional e reforço da subsidiariedade, através da cooperação vertical entre diferentes níveis governamentais, da cooperação horizontal entre distintos atores e de uma maior coerência entre políticas setoriais e políticas de base territorial, promovendo uma maior eficiência e eficácia, assim como a transparência e a prestação de contas”.

Em idêntico sentido, a Estratégia Portugal 2030 (quadro de referência da programação dos Fundos Estruturais), sinaliza um conjunto de objetivos/dimensões-chave que remetem explicitamente para a Governança e a Capacitação, referindo, em concreto, que “o Estado deve estar atento às mudanças que resultam do processo de transformação digital, integrando as soluções do progresso tecnológico na estratégia de modernização da Administração Pública Central, Regional e Local, com preocupações de assegurar maior presença no território, proximidade aos cidadãos e maior transparência nos processos de decisão, incluindo o acesso e o acompanhamento dos fundos comunitários”.

Daqui resulta que as questões do território, as questões dos fundos europeus e das autarquias locais reclamam um grande nível de integração e o reforço das competências regionais. Desde logo, das competências das CCDR, com o alargamento das suas áreas de atividade através da incorporação dos organismos regionais/estruturas da administração desconcentrada do Estado.

A transferência de competências que se perspetiva até 2024 deverá reforçar o poder das CCDR absorvendo entidades, como as direções regionais de Educação, da Cultura, da Conservação da Natureza, as Administrações Regionais de Saúde, o Serviço Público de Emprego e as entidades regionais de Turismo.

Este quadro de referência, no qual convergem orientações do PNPOT, da Estratégia Portugal 2030 e da Reforma administrativa, está presente na paleta de objetivos específicos do Plano de Ação Governança e Capacitação, CCDR Alentejo, 2021 (elaborado na sequência da Estratégia Regional Alentejo, 2030), nomeadamente os que se seguem:

(i) Assegurar elevada eficácia e eficiência ao Programa Regional, por simplificação, reengenharia dos processos, fle-

xibilização e territorialização dos mecanismos e das regras de acesso e execução;

(ii) Garantir elevada qualificação na liderança e gestão das intervenções a financiar pelo Programa Regional, através da inovação nas abordagens, da composição das parcerias de projeto e da racionalidade das intervenções;

(iii) Aprofundar a intervenção coletiva articulada na cooperação intersetorial, na coordenação institucional e na integração intermunicipal, através da partilha de serviços/soluções e da interoperabilidade que valorize ativos e recursos regionais e digitais disponíveis, para uma governança pública mais qualificada no território;

(iv) Promover a participação e a transparência da governança colaborativa, através de contributos para opções de investimento regional, de informação partilhada sobre o fluxo dos projetos financiados pelos fundos comunitários e de execução do Programa Regional;

(v) Qualificar a prestação do Serviço Público da Administração Central desconcentrada e da Local, através da descentralização de competências, do reforço técnico e da modernização administrativa (simplificação, capacidade de gestão, integração do acesso, proximidade, e-government);

(vi) Qualificar/Reconverter e rejuvenescer os recursos humanos da AC desconcentrada, das CIM, CM e JF, no quadro dos desafios da Estratégia Regional e da descentralização de competências, capacitando-os para o ajustamento da missão e para a melhoria da qualidade do Serviço Público, mais acessível, próximo e transparente.

As CCDR têm um importante papel dinamizador... gerando ideias mobilizadoras e liderando a montagem de parcerias para “fazer acontecer”.

Trinta anos a construir pontes entre o Alentejo e a Extremadura

Do lado de lá da semidestruída Ponte da Ajuda, uma leve neblina impedia de ver metade dos dezanove arcos que dividam os 380 metros de tabuleiro, debaixo dos quais corria tranquilamente o Rio Guadiana que, olhando para lá, se via a Extremadura espanhola e, olhando para cá, se avistava o Alentejo.

Cá no cimo, numa pequena ermida na margem portuguesa do grande rio do Sul, responsáveis alentejanos e extremenhos assinavam o primeiro protocolo de cooperação entre a Comissão de Coordenação da Região do Alentejo e a Junta da Extremadura. Estávamos no dia 17 de janeiro de 1992, era de manhã e, com o levantar da neblina, ficou à vista uma região transfronteiriça que, oficialmente, começava a cooperar.

Sob o olhar atento dos responsáveis do protocolo Margarida Louro, da CCDR e de Javier Castaño, da Junta da Extremadura, os presidentes António José Carmelo Aires, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, e Juan Carlos Rodrigues Ibarra, Presidente da Extremadura, assinaram, na Capela da Ajuda, o protocolo onde eram firmadas as bases de cooperação institucional, através das quais iria ser

orientado a futura programação de projetos de interesse comum às regiões da Extremadura e do Alentejo.

Para Carmelo Aires, a assinatura num local onde ocorreram atos bélicos que determinaram sucessivas destruições e reconstruções tinha um significado especial, pois vinha confirmar que a história segue sempre o seu caminho inexorável e aquilo que, outrora, dividia era, na altura e confirmou-se com o passar destes trinta anos, como um fator de progresso e desenvolvimento.

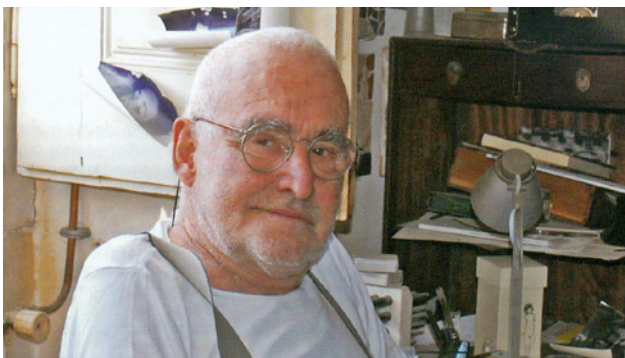
Juan Carlos Rodriguez Ibarra fez questão de lembrar que o ato que estava a acontecer não inaugurava as relações entre os dois povos. Vinha, simplesmente, normalizar o que era uma norma de comportamento habitual entre alentejanos e extremenhos.

E, assim, se começou um caminho, onde os propósitos deste protocolo inicial se foram cumprindo e as relações que eram estreitas entre as zonas raianas das duas regiões se foram alargando a todo o Alentejo e a toda a Extremadura, concretizando-se, assim, os desejos e os objetivos pensados há trinta anos atrás: trabalhar em conjunto para o progresso do Alentejo e da Extremadura.

Texto

Mário Simões





João Cutileiro, um dia, falou à Revista da CCDR Alentejo

Texto
Mário Simões

O Alentejo e o “Charme” de Évora influenciaram João Cutileiro.

João Cutileiro é um dos mais conceituados escultores portugueses, conhecido em todo o mundo pelas suas obras, onde predominam corpos de mulheres em mármore. É, igualmente, conhecido pelas suas esculturas públicas modernas, com características próprias, que marcam bem a sua identidade cultural portuguesa e alentejana.

Mais que entrevistar ou inquirir João Cutileiro sobre o seu pensamento em relação à arte, a Portugal, ao Alentejo ou à sociedade, importa sentir, através das palavras, todo o percurso de um homem oriundo de uma família da média burguesia, mas que nunca se alheou do mundo que o rodeava, das tradições alentejanas, da dureza da vida nesta região e também do papel que cada um deve ter na sociedade que o rodeia.

Pode, pois, dizer-se que João Cutileiro, embora tenha nascido em Lisboa, é um produto genuinamente alentejano, ou, como ele entre um sorriso e uma gargalhada nos dizia, “eu fui nascer a Lisboa, mas fui feito na Praça do Giraldo”.

Como bom alentejano e contador de histórias, João Cutileiro, para nos dizer a razão pela qual um dia regressou ao Alentejo, convidou-nos a fazer uma viagem pelas férias passadas em Évora, pela salgadeira que havia na sua casa, o frigorífico da altura, pelas viagens que fez pelo mundo, quer acompanhando o pai, médico, pertencente à Organização Mundial de Saúde, quer, mais tarde, como estudante e mesmo já na sua atividade artística.

“A vida deu muitas voltas. Fui para Inglaterra e, de repente, aquilo era demasiado pesado, precisava de, de vez em quando, vir carregar baterias. Como tinha uns amigos em Lagos, ia para casa deles. Um dia, comprei a minha própria casa em Lagos e por lá fui ficando”.

Mas, João Cutileiro tinha uma paixão secreta pelo “charme de Évora” e quando Lagos começou a ser um destino turístico, como ele costuma dizer “a maré subiu e eu já não tinha lugar na praia”, sentiu que tinha chegado a altura de partir.

Foi, então, que o Alentejo o chamou. “Évora era o lugar ideal para mim. Era muito bonita, era o sítio da minha infância e resolvi vir para Évora.

A sua obra foi muito influenciada pelo Alentejo: “se tivesse nascido em Nova Iorque ou em Londres, tudo o que fizesse era diferente”. Ao ser questionado sobre o que é que o Alentejo lhe deu e pode dar a quem se instale aqui, a resposta veio rápida: “primeiro, vistas largas. Aqui vê-se muito longe, o que é o contrário da mentalidade mesquinha e tacanha que o português tem tantas vezes, embora, de facto, depois o comportamento

não seja como no Alentejo. Aqui as pessoas, por vezes, também são mesquinhas”.

Para além “das vistas largas” que predominam no Alentejo, existe Évora: “A cidade de Évora é tão bela... tão intramuros”, refere João Cutileiro que acrescentou “a sua beleza foi mantida durante décadas, muitas vezes por razões tristes, como não haver dinheiro para o desenvolvimento e, por isso, ter sido preciso poupar, o que acabou por ser bom”.

João Cutileiro é um homem positivo e, quando se fala em constrangimentos que o Alentejo tem na atração de gente nova e empreendedora, a resposta também vem na ponta da língua: “os constrangimentos do Alentejo são os mesmos de Portugal. Se me perguntar se gosto de cá viver, digo não. Mas, todas as hipóteses que eu coloco para viver são piores que Évora e o Alentejo.”.

O único tema que João Cutileiro tenta evitar é a importância da sua presença no Alentejo para o desenvolvimento e para o conhecimento desta região: “eu vim para aqui porque gosto e se a minha presença aqui beneficia o Alentejo, fico muito orgulhoso. Só isso.”.

Numa altura em que a cultura reconhece o Alentejo, não podíamos esquecer João Cutileiro e, por isso, aqui deixamos um retrato deste homem, através de uma entrevista que deu há anos atrás à Revista “Alentejo: Análise Regional da CCDR Alentejo”.



Évora: de Cidade Património Mundial a Capital Europeia da Cultura 2027 com o “Vagar” de todos os alentejanos

Texto
Mário Simões

Quando, a meio da tarde do dia 7 de dezembro de 2022, Mariya Gabriel, Comissária Europeia da Inovação, Investigação, Cultura, Educação e Juventude, anunciou que a cidade de Évora foi recomendada para o título de Capital Europeia da Cultura 2027 em Portugal, talvez nem todos tenham ficado com a noção do que se estava a anunciar naquele preciso momento.

O que aconteceu não foi apenas um mero ato de indicar o nome da cidade candidata, Évora, que é a capital histórica da região do Alentejo. A candidatura de Évora foi muito além dos critérios de seleção que estipulam que as cidades devem preparar um programa cultural com uma forte dimensão europeia, que promova a participação de todos os intervenientes presentes na cidade, bem como dos seus vários bairros, e atraia visitantes de todo o país e da Europa.

Évora acrescentou à cidade o conceito de região, uma certa “filosofia” de vida vinda de tempos intemporais e que se mantém, mais que nunca, atual. O conceito mostrado e apreendido pelo júri internacional baseou-se no «Vagar», que é um modo de vida e um elemento forte do património imaterial da região, refletindo a necessidade urgente de a Europa e os europeus passarem para uma «filosofia de vida lenta».

O painel de peritos independentes que avaliou as candidaturas das quatro cidades portuguesas incluídas na lista restrita (Braga, Aveiro, Ponta Delgada e Évora) percebeu o alcance e a qualidade da candidatura eborense. Mais uma vez, o Alentejo mostrou que a força da Região está na capacidade de juntar as partes que, embora diferentes, têm uma raiz comum, neste caso, o “Vagar”.



Évora acrescentou à cidade o conceito de região, uma certa “filosofia” de vida vinda de tempos intemporais e que se mantém, mais que nunca, atual.

Se 7 de dezembro de 2022 é um marco histórico para o Alentejo, ele não acontece por acaso, é resultado de um processo, quiçá vagaroso, que começou lá muito atrás quando, a 25 de novembro de 1986, o *Comité do Património Cultural da UNESCO classificou o Centro Histórico de Évora* como Património Mundial.

Tal como nessa altura, em que diversos atores regionais, dialogaram e trabalharam em conjunto durante cinco anos para apresentarem uma candidatura imaculada e com sucesso, também agora foi um processo que levou anos, com muito diálogo com os agentes culturais, muitas percerias que se estabeleceram, muita envolvimento do Alentejo em torno de Évora, para se chegar a uma candidatura vencedora e que tem todas as condições, como há quarenta anos atrás, para transformar o Alentejo sem lhe retirar a “alma”.

O facto de Évora ter ganho o galardão de Património Mundial, teve um feito multiplicador no Alentejo com diversas localidades a apresentarem a autenticidade do seu património e a verem-no consagrado como património da Humanidade, Cidade-Quartel Fronteira de Elvas e suas Fortificações, a 30 de junho de 2012; Cante alentejano, em 27 de novembro 2014; Arte Chocalheira de Alcáçovas, a 1 de dezembro 2015; Figurado de Barro de Estremoz, a 7 de dezembro 2017 e Festa do Povo de Campo Maior, em 15 de dezembro 2021, preparando outra, a sua candidatura.

Évora, Capital Europeia da Cultura, vai poder cumprir o seu papel, isto é, proporcionar aos europeus a oportunidade de aprenderem reciprocamente sobre as respetivas culturas, desfrutarem da sua história e dos seus valores comuns, viverem o sentimento de pertença à mesma comunidade europeia,

estreitarem laços e desenvolverem parcerias culturais europeias, bem como sublinhar o papel da cultura no desenvolvimento das cidades, com uma visão mais ampla, a de uma região e a de um povo, que se revê no seu todo e sabe que o que é bom para Évora é bom para o Alentejo e vice versa.

Évora é a quarta cidade portuguesa a receber o título de Capital Europeia da Cultura depois de Lisboa, em 1994; Porto, em 2001 e Guimarães, em 2012. *Évora será a quarta cidade portuguesa a receber o título de Capital Europeia da Cultura, em 2027.*

Como referiu Mariya Gabriel, “trata-se de uma oportunidade única para que uma cidade e os seus arredores tragam a cultura e a Europa para o centro das suas comunidades. É o momento propício para que os eborenses descubram a rica diversidade cultural do nosso continente e os elementos comuns que partilhamos enquanto europeus. As Capitais Europeias da Cultura ilustram a vontade da UE de criar uma união que reúna as pessoas em torno de valores comuns, como a liberdade de expressão, o Estado de direito, a democracia e a paz. Espero que Évora possa colher, a longo prazo, todos os benefícios culturais, económicos e sociais que a Capital Europeia da Cultura pode trazer”.

Este ano, temos três Capitais Europeias da Cultura: Kaunas (Lituânia), Esch-sur-Alzette (Luxemburgo) e Novi Sad (Sérvia). Em 2023, será a vez de Veszprém (Hungria), Elefsina (Grécia) e Timisoara (Roménia). Em 2024, Tartu (Estónia), Bad Ischl (Áustria) e Bodø (Noruega). Em 2025 Chemnitz (Alemanha) e Nova Gorica (Eslovénia). Em 2026, Oulu (Finlândia) e Trenčín (Eslováquia). Por fim, teremos, então, no ano seguinte, a cidade de Liepaja na Letónia e... Évora.



Carlos Pinto de Sá,
Presidente da Câmara
Municipal de Évora

V a g a r, primeiro estranha-se depois entranha-se

A frase de Fernando Pessoa, “primeiro estranha-se depois entranha-se”, pode muito bem ser aplicada ao “Vagar” que encantou o júri, que atribuiu a Évora a responsabilidade da Capital Europeia da Cultura 2027.

Este foi o sentimento com que ficou o Presidente da Câmara de Évora, Carlos Pinto de Sá, e, possivelmente, muitos dos que hoje estão já familiarizados com o “Vagar”, mas que demoraram algum tempo a entender e a interiorizar o conceito.

Para Carlos Pinto de Sá, não foi fácil chegar a esta palavra: “nós tivemos dificuldade na comissão executiva e na equipa de missão em chegar ao conceito. Foi algo que discutimos durante muito tempo, eu diria anos. Nós tínhamos e sabíamos quais os elementos fundamentais. Queríamos Évora, queríamos a identidade do Alentejo, queríamos a região do Alentejo, queríamos questões ligadas à natureza e à sustentabilidade, questões ligadas com a cultura, com a paz”.

Foram muitas reuniões, muitas conversas, “fomos juntando todos os elementos, mas faltava encontrar o elemento agregador e, quando a equipa de missão, depois de muitas conversas – recorde-se que tudo isto aconteceu durante o período da pandemia em que era difícil falar com as pessoas presencialmente –, apareceu com esta proposta, a primeira vez que ouvi foi, diria Pessoa, *primeiro estranha-se e depois entranha-se*”.

O conjunto de pessoas que estava a trabalhar na candidatura, entre a Comissão executiva e a equipa de Missão, não tiveram dúvidas de que estava encontrado o conceito diferenciador da proposta de Évora e do Alentejo para a Capital Europeia da Cultura.

“Nós tínhamos consciência de que estávamos a trabalhar em torno daquilo que une o Alentejo e os alentejanos. Era importante que esta candidatura enaltecesse “o espírito muito solidário que existe entre os alentejanos”, referiu o edil eborenses que, face ao mundo atual que vai esvaziando este espírito alentejano, era preciso “que o Alentejo voltasse a sentir-se como Alentejo, que Évora voltasse a sentir-se como Évora e que pudéssemos dar esse salto e, desta forma, tínhamos a consciência de que estávamos a trabalhar nesse sentido e não foi por acaso que constituímos a Comissão com aquelas instituições”.

Nunca houve qualquer dúvida: “a candidatura tinha de ser de Évora, porque era isso que os regulamentos da Comissão Europeia impunham. Mas nós definimos, desde o início, que queríamos uma candidatura de Évora e do Alentejo, tinha de abranger a região, tinha de abranger a identidade alentejana, tinha de envolver não apenas os habitantes de Évora, mas do Alentejo central e de todo o Alentejo”, foi-nos dizendo Carlos Pinto de Sá.

O conceito da candidatura é unânime. Nascer aqui no Alentejo não está assente no passado ou só em Évora ou no Alentejo. “Assumimos que é uma candidatura que quer ajudar no processo de desenvolvimento do Alentejo, mas que não ignora as dificuldades, os problemas. Tudo aquilo que temos de menos bom no Alentejo, temos que enfrentar isso para podermos ultrapassar” e foi mais longe o presidente eborense. “É uma proposta que parte da alma do Alentejo para a Europa e para o mundo, no sentido em que, hoje, é cada vez mais evidente que a sociedade que temos nos dias que correm não é uma sociedade viável para o futuro, é uma sociedade que está a pôr em causa a natureza, está a pôr em causa o planeta, ou melhor, está a pôr-se em causa a si própria, porque o planeta continuará por cá, mesmo que a espécie humana desapareça”.

Évora e o Alentejo apresentaram uma proposta de futuro. Carlos Pinto de Sá quer que a Capital Europeia da Cultura repense tudo isto: “temos de encontrar aqui tempo para viver, temos de nos reequilibrar com a natureza, temos de ter tempo para falar uns com os outros, para nos conhecermos, para, na diferença, podermos construir algo, tempo para pensar as coisas, para refletir em vez de andar a correr e, sobretudo, algum tempo para melhorar a sociedade, porque hoje atingimos níveis técnicos e tecnológicos e níveis económicos que permitem que a generalidade da população tenha uma vida digna e feliz. Precisamos de encontrar os caminhos para isso e este “Vagar” propõe tudo isso”.

O “vagar” não foi traduzido, mas foi apreendido em todos os lugares onde foi apresentado e Carlos Pinto de Sá destaca dois eventos marcantes: “Estivemos no Congresso da Organização das Cidades Património Mundial que teve lugar em Quebeque, no Canadá, onde apresentamos o conceito e o filme promocional e percebemos que as pessoas estavam ansiosas por conhecer o que estávamos a propor, porque entendiam que era algo que fazia falta e estávamos a falar de cidades de todo o mundo e que vieram ter connosco por acharem que queriam conhecer melhor o conceito, uma vez que queriam participar no conceito”.

“O outro momento foi em Hiroxima, num Encontro da Organização de Presidentes de Câmara para a paz, que reuniu oito mil cidades de todo o mundo e onde, também, apresentamos o nosso Vagar e foi excelentemente recebido. Ou seja, nós achamos que há um conjunto muito vasto de pessoas e de instituições que estão ansiosas por encontrar outro caminho e nós estamos a fazer uma proposta, estamos a dizer que o Alentejo tem uma relação com a natureza, tem uma relação entre si que pode, de alguma maneira, ajudar a encontrar esse caminho e, portanto, julgo que é muito importante que este vagar possa chegar à Europa e ao mundo”.

Conquistada que foi a Europa e, segundo Carlos Pinto de Sá, tal começou logo “na primeira fase da candidatura, quando fomos defender o primeiro dossier de candidatura. A sensação com que ficámos é que os tínhamos deixado baralhados e isto porque estávamos a fazer uma proposta fora da caixa”.

O Alentejo arriscou, mas valeu a pena o risco, porque para o presidente da câmara eborense “o júri entendeu o que nós estávamos a fazer, uma proposta de futuro não apenas para Évora e para o Alentejo, mas para a própria Europa. E sentimos mais isso de forma mais significativa quando uma parte do júri nos veio visitar aqui a Évora e dois desses elementos, após a visita, nos disseram “nós sentimos o vagar”.

Agora há mais trabalho pela frente, “temos de levar o “Vagar” ao Alentejo para aprofundar ainda mais o conceito, para que as pessoas o conheçam melhor e, sobretudo, para encontrar projetos que concretizem o conceito”, referiu Pinto de Sá. Para concretizar mais a sua ideia, acrescentou: “nós temos muitos exemplos aqui no Alentejo, não precisamos de ir mais longe, precisamos de encontrar soluções, propostas, para depois mostrar aos outros o que fazemos”.

Carlos Pinto de Sá tem consciência das expectativas que estão a ser geradas entre os agentes culturais, nomeadamente da região que sentem que vão poder ter mais e melhores condições para trabalharem, mas também tem consciência de que vão ter também eles de trabalhar mais, de mostrar projetos, de mostrar que estão à altura das responsabilidades.

O presidente da Câmara de Évora quer que os eventos culturais que se venham a realizar não se fiquem pela efemeridade do espetáculo, quer que deixem algo não só em termos da formação de público, mas também da abertura a outras formas de fazer e potenciar a cultura.

Ao fim e ao cabo, depois da descrição da candidatura, “os regulamentos não permitiam a divulgação do dossier de candidatura”, está na hora de começar um outro tipo de trabalho igualmente de muita exigência e de muita cooperação, pois, apesar da Candidatura assentar essencialmente na cultura, vai muito mais além. Para Carlos Pinto de Sá, o feito conseguido por Évora vai ter impacto a nível económico e social e vai permitir alcançar os anseios de toda a região Alentejo.

Confiança, satisfação e consciência do trabalho que aí vem, mas também determinação em fazer de Évora a Capital Europeia da Cultura, um marco de transformação e de reencontro do mundo com ele mesmo. Foi assim que deixámos Carlos Pinto de Sá, o rosto de uma equipa que colocou o Alentejo acima de tudo.

É uma proposta que parte da alma do Alentejo para a Europa e para o mundo.



Paula Mota Garcia
Coordenadora da equipa de
missão da candidatura de Évora a
Capital Europeia da Cultura

O “Vagar” que
emocionou
o júri é o
reencontro
com o ser, o
reencontro
connosco, com
uma realidade
mais humana
e que nós
tendemos a
esquecer.

Alentejo não se visita, vive-se!

Tudo na vida tem um objetivo, mesmo que esse objetivo não tenha objetivo. Foi quase desta forma que encarámos a conversa e a reprodução desta com Paula Mota Garcia, o rosto que se misturou com outros rostos para descobrir a fórmula, não mágica, mas alicerçada nas raízes de uma região, que foi capaz de produzir uma cidade que vai ser Capital Europeia da Cultura em 2027: Évora.

Reproduzir, através de uma entrevista, sentimentos é uma tarefa difícil e complexa, quer para quem pergunta quer para quem responde. Reproduzir olhares e transformá-los em palavras é um desafio, tal como desafiante foi a aventura em que Paula Garcia embarcou – “Confesso que senti algum medo, afinal, de Évora e do Alentejo, tinha pouco mais que o conhecimento dito “normal” dos portugueses, conhecia o Cendrev, pelas relações que tinha tido através do Teatro Viriato, onde trabalhei”.

Por detrás da palavra medo, estava aquilo que o faz superar, enfrentá-lo. Paula Garcia, uma mulher do Norte, trazia consigo um curriculum feito de conhecimento e experiência e uma vontade enorme de arregaçar as mangas e trabalhar.

Mas, “surgiu a pandemia e tivemos de mudar, de alguma forma, o nosso plano de ação”. Seria, com certeza, mais difícil, mas a coordenadora da Equipa de Missão da Candidatura soube aproveitar um tempo novo e encontrou formas e processos de se inteirar não só das pessoas e das instituições culturais, mas também do espírito, da essência da cidade e da região.

Quando se fala com Paula Garcia sobre o êxito da candidatura, não se fala sobre a qualidade do dossier, nem sobre o trabalho enorme que foi feito por toda a estrutura de missão e comissão executiva, disso já muito se falou e vai-se falar – “deu muito trabalho e estou cansada”, ia dizendo Paula Garcia para os seus olhos ganharem brilho e energia quando falava do Alentejo.

“Uma das primeiras coisas que fiz quando iniciei este trabalho foi ler o texto sobre o Alentejo, escrito por Miguel Torga. Gostei imenso. Depois deste trabalho voltei a ler novamente e não só o entendo melhor, como o acho ainda mais espetacular”, disse a coordenadora da candidatura.

À pergunta se o feito alcançado por Évora não viria a provocar um aumento de reflexão sobre o que é o Alentejo e o ser alentejano, colmatando, assim, a falta de quem escreva sobre a região, Paula respondeu, inquirindo-me: “Acha? Há muitos e bons textos sobre o Alentejo, Saramago, por exemplo, e Manuel Gusmão, que me encantou”.

Tínhamos de chegar ao “Vagar”, essas cinco letras que, na opinião do “entrevistador”, vão mudar o Alentejo. “Foi um trabalho interessante entre nós e a equipa de comunicação. Encontrar algo que nos definisse não foi tarefa fácil. Surgiu, entre outras palavras, o “Vagar”, que, no início, não estava só, mas que, aos poucos, fomos sentindo a sua força”, disse-nos, sorrindo, Paula Garcia

Se, para quem nasceu no Alentejo, este “vagar” é encarado como uma “coisa” natural, mas, ao mesmo tempo, incompreendido, transformar este conceito, fazê-lo entender, de forma positiva, para os outros, foi outro desafio para a equipa coordenada por Paula Garcia.

“Por ser uma candidatura a capital europeia da cultura, pensou-se, também, em traduzir a palavra, mas, rapidamente, concluímos que não havia tradução para o “Vagar” e que mais que a palavra, era o seu conceito que poderia fazer a diferença”.

Definido o conceito, era preciso testá-lo junto dos agentes culturais e dos alentejanos e foram muitos os que foram ouvidos. “Conversámos com inúmeras pessoas da cultura e não só. Fomos percebendo que este conceito alargava horizontes espaciais e, principalmente, temporais, pois a candidatura queria apostar na preservação de uma cultura autêntica do Alentejo sem a cristalizar. Queria olhar para ela com olhos de futuro e o Vagar levava-nos a isso” – foi-nos contando Paula Garcia.

Se a cultura alentejana, com o seu epicentro em Évora, era algo perfeitamente perceptível aos olhos de todos os que tinham contacto com o dossier, este, para Paula Garcia, tinha de ir um pouco além e aproveitar aquilo que poderiam ser visto como fragilidades para robustecer o projeto. Isto porque, para além de responder aos itens normais e obrigatórios da candidatura, Évora quis ir mais além: “fazer uma transformação positiva da cidade que deu corpo à candidatura e à região, os problemas, como a perda de população, o envelhecimento e todos os outros, podem ser ultrapassados com base na forma como vamos evoluir, numa outra fase do processo. Por isso, a frase *Alentejo não se visita, vive-se!*, enquadra-se bem não só nos objetivos iniciais da candidatura, como também no conceito de “Vagar”.

É conhecida a forma prudente como os alentejanos recebem os de fora. Talvez por ser uma pessoa atenta e autêntica e com convicções fortes, Paula Garcia não notou isso ou, então, estava tão concentrada na sua missão que foi seguindo “devagar” o seu caminho – “Sentimos sempre, por parte de todos, uma total confiança, um compromisso sobre os objetivos e um sentido crítico apurado que nos levou, sempre, a encontrar consensos quanto ao essencial, por isso, percebemos e fomos capazes de fazer perceber ao júri que a candidatura de Évora era, na realidade, uma candidatura diferenciadora”.

E foi mais longe, abordando a sua nova vida em Évora: “sinto o carinho das pessoas, a forma como me tratam na rua é gratificante”.

O que, para Paula Garcia, encantou o júri foi a verificação, por parte deste, da autenticidade da candidatura e de tudo aquilo que ela representa, não só para Évora e para o Alentejo na sua conexão com a Europa e o mundo, mas também sobre o que ela representa, que mensagem manda para todos e para cada um de nós.

O “Vagar “que emocionou o júri é o reencontro com o ser, o reencontro connosco, com uma realidade mais humana e que nós tendemos a esquecer. “Quem liga o “Vagar” alentejano à lentidão não conhece o Alentejo nem os alentejanos”, disse-nos Paula Garcia, mostrando aquele olhar “já alentejano” de irritado. “O Vagar alentejano tem que ver com a relação entre o homem e a terra, entre o homem e o espaço, entre o homem e as suas raízes, entre o homem e a sua cultura”.

A conversa continuou com outras paragens pelo futuro, pelo que Évora tem de fazer, pelas responsabilidades que há que assumir, pelo muito trabalho que há pela frente, pelas oportunidades que todos vão ter de mostrar o que valem, em termos culturais, de reflexão e de inteligência, para transformar e multiplicar o que foi alcançado.

Mas, a conversa já ia longa e, mais que isso, enquanto a natureza lá fora ditava a sua lei, despejando a água que tanto precisamos, o olhar cansado, mas enérgico, de Paula Garcia avisava que havia de pôr um fim a esta conversa, havendo, no entanto, tempo para Paula Garcia nos mostrar mais um sentimento, ser cada vez mais alentejana: “gosto muito da minha cidade, o Porto. Vou alegre até lá, mas até os meus filhos já notam que a minha alegria de chegar é a mesma com que regresso.



Ana Paula Amendoeira
Diretora Regional da Cultura
do Alentejo

A identidade do Alentejo é, hoje em dia, uma proposta inovadora

O que é que têm a ver Miguel Torga, José Cutileiro, António Guterres, Etienne de La Boétie ou mesmo o Papa Francisco com a designação de Évora como Capital Europeia da Cultura, em 2027?

Foi numa espécie de visita guiada à essência da candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura, que foi possível aferir o lugar da cultura na sociedade atual. De repente, a cultura foi colocada no centro daquilo que é não só a sua vocação, como o seu desígnio: unir as pessoas e os povos, num objetivo comum que é o de dar sentido ao mundo que cerca cada um de nós e que, com isso, seja possível perceber o que, na realidade, é a liberdade.

Não era, com certeza, esse o guião original da conversa com Ana Paula Amendoeira, mestre em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico pela Universidade de Évora e, atualmente, Diretora Regional de Cultura do Alentejo. Mas, foi por aí que quisemos seguir e esperemos que, no fim, sintam que valeu a pena.

“Acompanhei o processo de candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura desde os primeiros passos, até porque a Direção Regional da Cultura do Alentejo é uma das entidades da Comissão executiva da candidatura”, começou por nos referir Ana Paula Amendoeira, para realçar que “estes processos são, felizmente, complexos e da complexidade do processo acabou por haver uma diferenciação que só é possível por ser uma candidatura do Alentejo. Noutra região, provavelmente, não teria conseguido.”

Ditavam os regulamentos que fosse uma cidade a candidatar-se e Évora, por toda a sua história em boa hora, tomou a iniciativa. Mas, apara a Diretora Regional da Cultura do Alentejo, “a candidatura de Évora impressionou positivamente o júri, por se fundamentar na cultura do Alentejo e de Évora. A força da candidatura era a força da identidade do Alentejo”.

Curiosamente, e ao contrário do que muitos pensavam e agora vão começar a pensar, “a identidade do Alentejo é, hoje em dia, uma proposta inovadora, tanto no tempo em que nós vivemos como no contexto europeu”, referiu Ana Paula Amendoeira para reforçar esta ideia: “é inovadora por aquilo que são as grandes linhas da Comissão Europeia, como é o caso do novo Bauhaus europeu, o pacto ecológico ou Next Generation EU”

Estes alertas estão plasmados na candidatura de Évora. Tudo isto acontece por uma única razão: para a responsável da cultura no Alentejo, “a nossa identidade alentejana está alinhadíssima com o futuro. Basta voltar às raízes da nossa cultura, não numa perspetiva cristalizada de viver, como era no passado, mas na essência da cultura alentejana, aí, encontraremos uma série de respostas que, se forem atualizadas hoje e pensadas, nos serão fundamentais para o futuro.”

“Nem todas as regiões têm essa vantagem que vem de dentro e é um mérito de nós, dos nossos antepassados e do território, da geografia, da forma como nós vivemos aqui ao longo de séculos e milénios e que nos deu um caráter coletivo. Que nos dá aquilo que se chama a identidade alentejana”, referiu Ana Paula Amendoeira que, à questão sobre o que é isso da identidade Alentejana, foi célere a responder: “é uma coisa complexa, mas que se resume de forma simples a três ou quatro ideias. Uma delas foi escolhida para slogan da candidatura e que é o Vagar, um estereótipo que era negativo sobre os alentejanos e o Alentejo e que, numa proposta de futuro, interessou, comoveu e enamorou o júri.”

As visitas ao território foram fundamentais, porque o júri se deparou “com uma visão coletiva, uma maneira de estar em conjunto, uma paisagem e um território que é autêntico e genuíno e que não foi inventado para a candidatura.”. E isso foi, para Ana Paula Amendoeira, fundamental.

Para se entender o “Vagar”, a Diretora Regional da Cultura fez-nos embarcar no “comboio da história”. Durante algum tempo, o vagar alentejano foi, por nós, quase que abandonado, “no sentido em que conotávamos isso com atraso, falta de futuro, falta de mundo, de cosmopolitismo e, hoje, percebemos que é aí que temos de ir buscar as grandes respostas para as grandes questões que nos estão a assolar e para as quais o secretário geral da ONU chama a atenção de uma forma desesperada.”

Foi preciso construir a ideia. Para Ana Paula Amendoeira, “nesta fase, a candidatura não era altura de programação, era o tempo de falar, ir ver, ir ouvir, muita escuta... muita escuta, para se tentar construir uma linha condutora, uma ideia, uma coisa que fizesse sentido, onde depois tudo o resto coubesse.”

Houve quem se queixasse de não saber o que estava a acontecer. Ana Paula Amendoeira foi direta: “as pessoas até podem dizer que não sabiam o que estava a acontecer, mas havia uma pequena equipa, liderada por Paula Garcia, que estava a absorver como uma esponja aquilo que ia chegando daqui e dali. A absorver coisas, a sedimentar e a fazer a síntese de uma ideia interessante, inovadora e que surpreendesse, de uma forma desconcertante, mas aliciante, aquilo que é o Alentejo.”

Voltamos, então, ao “Vagar”. Porque é que este vagar só existe no Alentejo? De novo, veio o estereótipo do vagar alentejano, de quem não trabalha, de quem tem a noção do tempo, de quem não tem pressa, “nós estamos a perder esta ideia, mas temos de recuperar a noção de tempo. As pessoas tinham uma grande comunhão com a paisagem, com o território, com a terra aberta de grandes lonjuras, onde o horizonte se alcança com muita facilidade.”

E a historiadora foi dizendo mais: “as pessoas desenvolveram uma relação interior e exterior com o ambiente, o território, a paisagem. Os alentejanos, historicamente, sempre foram ligados à terra, até porque não a tinham.”. E reforçou o seu pensamento: “o Alentejo é a única região do país onde, historicamente, as pessoas não tinham terra; tinham, por isso, uma relação com a terra que era, ao mesmo tempo, nostálgica, de ideal, de ligação, que foi muito importante para moldar a maneira de ser das pessoas.”

No Alentejo, não há essa propriedade pequena que há no Norte, por exemplo. E é aí que começa este Vagar, segundo Ana Paula Amendoeira. “Aqui, quando os baldios foram divididos a partir da revolução liberal no século dezanove, as terras baldias, que eram, no fundo, o que permitia o sustento das pessoas mais pobres — porque, nos tempos difíceis, podiam ir buscar às terras comuns, comunais, algum sustento —, foram privatizados. As pessoas mais pobres ficaram sem terra e isso foi dramático.

Começou a haver aquela miséria da praça dos homens, das pessoas que não tinham trabalho, nem terra, nem nada para comer e isso criou um proletariado puro, que forja um caráter de resistência, de uma certa dignidade na maneira de encarar os outros, tal como refere Miguel Torga: “Foi a terra alentejana que fez o homem alentejano, e eu quero-lhe por isso. Porque o não degradou, proibindo-o de falar com alguém de chapéu na mão.”.

A relação de tempo que o Alentejano tem foi muito importante para, segundo Ana Paula Amendoeira, “podermos ir buscar a essência desta candidatura. É, no entanto, alguma coisa que precisamos para o futuro e que é uma certa simplicidade, que se vê, por exemplo, na arquitetura, que é de uma simplicidade desconcertante e de uma grande beleza e que foi sempre feita com o aproveitamento parcimonioso dos recursos.”.

“Por termos mais recursos, desordenamos o território, o cliché da economia circular. Nós não precisávamos, pois sempre a tivemos cá. É só voltarmo-nos para dentro. Foi tudo isto que a candidatura teve a sabedoria para ir buscar.”, disse a responsável pela cultura do Alentejo.

Bem, depois fomos divagando sobre o futuro: “Temos de aproveitar este projeto para refletirmos em tudo o que temos feito no ambiente, no ordenamento, no desenvolvimento. Indexar tudo ao desenvolvimento económico. Ele é importante, mas há coisas que têm que ver com a nossa vida e descoramos. Tivemos uma servidão voluntária à economia e os resultados estão à vista. Temos de dar importância às dimensões cultural e espiritual, isso é fundamental para a região e para o mundo. Temos de ter, de novo, um sentimento de pertença, pois, como referiu José Cutileiro, “Ser culto é ser do sítio.”.

Ser do Alentejo é ter a capacidade de mostrar ao mundo que o Alentejo teve sempre em si... o futuro.

**É só
voltarmo-nos
para dentro.
Foi tudo
isto que a
candidatura
teve a
sabedoria
para ir
buscar.**



Évora é do mundo e o mundo cabe em Évora

Texto
Vitor Proença,
Presidente da CIMAL
(Comunidade Intermunicipal
do Alentejo Litoral)

Com vagar, mas determinados, ajudámos a erguer Évora ao estatuto de Capital Europeia da Cultura. É com essa mesma convicção que, daqui, desta faixa do Alentejo com o mar sempre por perto, queremos enaltecer aquela cidade e todo este mundo que a rodeia e nos orgulha, tornando 2027 um ano memorável para os visitantes e o recomeço de uma era.

Queremos que o saber e o sentir que partilhamos com quem recebemos seja a nossa marca. Ao passo da Natureza, com vagar (tempo), que é como se vai ao longe. E chegar onde a nossa alma nos levar. Ao mundo, se possível.

Neste Alentejo com mar partilhamos muita da história que elevou Évora à condição de capital cultural da União Europeia por um ano. Temos Miróbriga, Tróia e Alcácer, testemunhos de um passado não muito distante que nos tornaram famosos para sempre.

Vimos nascer Vasco da Gama, o capitão-navegador, que deu um passo largo para a universalidade que nos caracteriza, inspirámos o escritor Manuel da Fonseca com a nossa realidade e o nosso modo de viver, mas, acima de tudo isso, mantivemos a nossa traça, o que nos rodeia, inspira e dá vida.

Quiseram, os autores da Revolução, que a senha do movimento que terminou com meio século de ditadura fosse uma canção inspirada na nossa fraternidade e na sombra de uma das muitas azinheiras com quem repartimos a nossa terra. Essa majestosa árvore que nada pede e tanto nos protege.

Tudo isto é Alentejo, tudo isto é também Évora, tudo isto é uma terra que, quando abre os braços, gosta de os fechar num sentido abraço. Sem muros nem ameias, Évora é do mundo e o mundo cabe em Évora.

Somos só um Alentejo e o Alentejo ganhou

O Alentejo ganhou. Foram estas as palavras pronunciadas e repetidas com emoção por todos aqueles que, tendo acompanhado o processo de candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura em 2027, receberam com enorme entusiasmo o anúncio da vitória de Évora, no passado dia 7 de dezembro.

Évora 2027 assumiu-se, desde o início, como um desígnio para a região Alentejo, um projeto coletivo consubstanciado no compromisso assumido, não apenas das entidades que compõem a Comissão Executiva Évora 2027, nas quais a CIMAC se inclui, mas alargado às restantes NUTIII, que, através das suas Comunidades Intermunicipais, manifestaram o total apoio à candidatura, acreditando ver nela a projeção de um futuro coletivo.

Não foi por acaso que o Conselho Regional identificou a candidatura Évora 2027 como um dos principais projetos no quadro de financiamento 2021-2027, tanto na Estratégia de Especialização Inteligente como na Estratégia Regional Alentejo 2030. Foi uma aposta ganha.

Olhamos a cultura como motor para posicionar o Alentejo no centro das agendas europeias e para refletir sobre questões tão prementes como as alterações climáticas, a transição digital, o envelhecimento, as energias renováveis, o direito à habitação, os direitos humanos, os movimentos migratórios, a integração de novos residentes, o Novo Bauhaus Europeu, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), entre muitas outras.

Chegados aqui com este nosso “vagar” que tão longe nos levou e é tempo de trabalhar em conjunto, de congregar esforços e vontades, de projetar a região que queremos para 2027 e, além dessa data, num legado que pode e deve ser consistente, consciente, sustentável.

Não somos 14, não somos 47, não somos 700 mil. Somos um só Alentejo e o Alentejo ganhou.

Texto
Luís Dias,
Presidente da CIMAC
(Comunidade Intermunicipal
do Alentejo Central)



Évora 2027: uma vitória para o Alentejo



Évora será a Capital Europeia da Cultura. Esta vitória resulta da candidatura de uma cidade com vontade em representar todo o seu território, a nossa região do Alentejo.

Até 2027, com perspetivas de continuidade, será desenvolvido um projeto centrado nas pessoas, que alavanque, com foco na cultura, transformações estruturantes e duradouras na vida de quem aqui habita e de quem nos visita.

Do ponto de vista prático, a nomeação para Capital Europeia da Cultura materializa-se na renovação de infraestruturas, no aumento e diversificação da oferta cultural, na atração de novos visitantes e na criação de emprego e de novas oportunidades de investimento, não apenas em Évora, mas em todo o Alentejo.

Em paralelo à candidatura eborense, foram, também, apresentadas as candidaturas das cidades de Braga, Aveiro e Ponta Delgada. A nomeação de qualquer delas seria, certamente, justa e uma vitória para todos, mas, enquanto Alentejanos, é com um carinho e com um orgulho especial que acolhemos esta nomeação.

Seja como for, num território como o Alentejo, com as dificuldades e com os desafios que conhecemos e que todos os dias enfrentamos, consideramos que a escolha pela cidade da Praça do Giraldo será, particularmente, impactante.

Viva Évora!

Hugo Hilário,
Presidente
da CIMAA
(Comunidade
Intermunicipal
do Alto
Alentejo)

Paulo Monteiro: Desisti de tudo e mudei-me para Beja

—
Texto
Mário Simões

“É um território onde a cultura tem um rosto humano e onde as pessoas são, de uma maneira geral, de uma enorme gentileza. Esta relação afetiva entre as pessoas, aliada a uma base cultural muito forte, assente na tradição, faz do Alentejo um local verdadeiramente inspirador”. Quem o diz é Paulo Monteiro que nasceu em Vila Nova de Gaia e que, depois de se licenciar em Letras pela Universidade de Lisboa e de ter passado por muitos locais vividos, muitas vidas, vive feliz na sua cidade adotiva: Beja.

Quando se pensa em Paulo Monteiro, pensa-se em banda desenhada e pode dizer-se que os desenhos fazem parte da sua existência, pois, logo aos 13 anos, começou a ilustrar fanzines de poesia, cartazes e murais, mas não se ficou por aí. Foi vivendo muitas vidas, trabalhou nas vindimas, passou filmes de Buster Keaton e Charlot de terra em terra, escreveu para a rádio e para os jornais como jovem jornalista, trabalhou no Cais Marítimo de Alcântara, compôs músicas, tocou guitarra em lares, foi professor de Geografia e de Ciências da Natureza, fez cenários e figurinos para teatro, fez teatro de sombras chinesas e teatro de fantoches, participou em escavações arqueológicas, teve tempo para publicar livros de poesia, como *Poemas* (1988), *Poemas a andar de carro* (2003), *Poemas Japoneses* (2005) e *25 voltas ao Equador para te encontrar* (2014) e, pelo meio, tem um filho, Manuel.

Em 1991, foi viver para Beja. Publicou dois livros de banda desenhada: *O Amor Infinito que te tenho* (2010) e *Mariana* (2019), tendo com o primeiro ganho vários prémios e foi distribuído em cerca de 15 países.

Com toda esta “bagagem”, Paulo Monteiro ficou deslumbrado com o Alentejo: “Uma das coisas mais fascinantes nesta região consiste no facto de existirem alicerces muito sólidos do ponto de vista cultural. As pessoas sabem quem são, quem são os seus pais e avós. Sabem de onde vêm. Uma espécie de base, de “núcleo duro”, à volta do qual se constroem outras maneiras de ver o Mundo sem nunca perder o chão. A partir destes alicerces, é possível dar corpo a todo o tipo de construções. O passado é assumido com orgulho, mas sempre com os olhos no futuro. Basta ver o que se passou na área específica da banda desenhada nos últimos 25 anos. O Alentejo, e Beja em particular, tornou-se uma referência a nível nacional e internacional. Nada o faria prever. Mas havendo o enquadramento necessário, tudo é possível”.

Desde 2005 que faz a direção da Bedeteca de Beja e do Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja, por onde passaram alguns dos melhores autores de banda desenhada da atualidade, como Craig Thompson, David B. ou Mattotti... e mesmo Jean-Claude Mézières ou Hermann.



Depois de tudo isto, Paulo Monteiro encontra-se, neste momento, a trabalhar na elaboração do projeto do futuro Museu da Banda Desenhada de Beja e, para ele, desenvolvimento e cultura são inseparáveis: “acho difícil separar uma coisa da outra. Na verdade, decorrem uma da outra. Os projetos não surgem do nada. São enquadrados por milhentos fatores. E, quando ganham corpo e respiração, acabam, eles próprios, por motivar outros projetos e outras dinâmicas”.

E voltamos ao artista, ao homem que um dia encontrou aqui, no Alentejo e em Beja, futuro: “Vim viver para Beja com 23 anos, no início dos anos 90. Era muito jovem. E muito apaixonado pela vida, também. Vinha, muitas vezes, a Beja visitar um amigo. O Alentejo com as suas casas brancas, com as grandes planícies inundadas de sol, com os seus velhos sentados no largo a conversar, fascinava-me. E fascinava-me o facto de esta imagem de bilhete postal corresponder, sob muitos aspetos, à realidade.

Paulo Monteiro é alentejano desde ainda antes de existir Alentejo, só não sabia. Só soube quando ouviu “alguém dizer que, para se ser alentejano, convinha ter nascido no Alentejo, mas que não era obrigatório. Achei isto tão bonito que nunca mais me esqueci. Gostei tanto de Beja que acabei por concorrer a uma bolsa do Museu Rainha Dona Leonor, que ganhei. Na altura, estava a fazer o Mestrado em História da Arte, na Universidade de Lisboa, sobre Banda Desenhada. Passadas duas semanas de Beja, já não quis regressar! Desisti de tudo e mudei-me para Beja “com armas e bagagens”. Tinha encontrado a minha casa...”.

Ai Weiwei encontrou o seu “ninho” no Alentejo



Texto
Mário Simões

“O Alentejo atrai-me porque me trouxe de volta a certos momentos históricos da minha imaginação e que estão relacionados com os meus primeiros anos na China”. Quem o diz é um dos mais brilhantes artistas contemporâneos e o mais popular do mundo, em 2020, eleito pela publicação internacional “The Art Newspaper”, Ai Weiwei, que escolheu o Alentejo, mais concretamente o concelho de Montemor-o-Novo, para viver e criar.

A escolha do Alentejo prende-se com o facto de esta região ter um “ritmo próprio, é diferente de outros lugares da Europa”.

“O lugar onde moro é uma área agrícola. Está muito bem preservado e poupado do desenvolvimento excessivo. Há extensões de campos verdes e amarelos e muitas árvores, incluindo sobreiros e carvalhos. Essas coisas são irresistivelmente encantadoras para mim, porque fazem parte da natureza”, disse Ai Weiwei à missão Alentejo.

Para o assessor artístico da construção do famoso “Ninho de Pássaro”, no Estádio Nacional de Pequim, que albergou os Jogos Olímpicos de 2008, “a natureza foi ignorada nas décadas anteriores da minha vida; tenho necessidade de ir ao encontro de pessoas e de sociedades com intensa luta e pensamento, seja Pequim, Nova York, Berlim ou Londres”.

Ai Weiwei procura a tranquilidade. E se “Pequim, sob governo autocrático centralizado, passou de uma sociedade em desenvolvimento lento e bastante primitiva para uma sociedade em desenvolvimento extremamente rápido? Os EUA e a Europa no Ocidente estavam a lutar para se desenvolver após

a industrialização, seja na Era Industrial seja na Era Pós-industrial ou na Era da Informação”. O Alentejo “que é jocosamente referido como um lugar que dormia desde os séculos XV e XVI, de repente, acordou para o século XXI. Há uma sintonia e um deslocamento, tanto em termos geológicos como em termos humanos. Isso interessa-me muito”.

Antes de vir para o Alentejo, Ai Weiwei viveu quatro anos em Berlim, na Alemanha, e viveu também no Reino Unido. Neste momento, está para ficar no Alentejo que, para o artista, “tem uma forte base social, religiosa e cultural, mas a sua forma é solta. Não há compulsão da cultura nacional como em muitos lugares

da Europa”. À pergunta se numa região onde a tradição ou a cultura têm raízes muito fortes, há espaço para a criação de novas formas culturais ou apenas para a recriação e modernização da tradição, o artista respondeu que “é difícil dizer se há espaço para a recriação da tradição. Viver e sobreviver é um processo desafiador todos os dias e os desafios precisam de se manifestar de uma certa forma”.

No Alentejo, Ai Weiwei tomou contacto com a cerâmica portuguesa, o azulejo, e materiais, como a cortiça, e utilizou-os nas suas peças, na sua primeira exposição individual “Rapture”, na qual juntou o seu lado terreno e espiritual.

Perguntamos ao artista se entendia a cultura como um fator de desenvolvimento ou como uma cultura dependente do desenvolvimento e a resposta foi franca: “é difícil dizer. É como a questão do ovo ou da galinha. É indecifrável. Todo o desenvolvimento não pode ser dissociado de atributos culturais. Todos os atributos culturais não podem ser dissociados de uma forte expressão na sociedade”.

O Alentejo foi, para o designer arquitetónico, artista plástico, pintor, comentador e ativista social chinês, uma coincidência “na minha vida toda. Os grandes acontecimentos surgiram por coincidência, desde o meu nascimento, antecedentes familiares, mudança para Nova Iorque, até à minha fixação no Alentejo. Isto tudo é coincidência. Essa casualidade e imprevisibilidade deram à minha vida alguns resultados inimagináveis. Estou muito feliz por ter a oportunidade de viver no Alentejo e poder fazer mais coisas aqui”.



Ana Rosado fez “a nossa” capa

Hoje há motivos para mover. Onde antes apenas estava, agora somos.

Que bonito este verso, Ana Cláudia Rosado. A beleza não está naquilo que fazemos, ou naquilo que somos, ou mesmo naquilo que dizemos. A beleza está naquilo que transmitimos através do sentimento, que é a arte em estado puro.

Que bonita é a vida que nos propõe uma jovem alentejana, enamorada pela cultura japonesa, pela meticulosidade dos desenhos, dessa arte de escrever histórias em que cada risco é uma frase e em que cada cor é o universo. Essa manga ou mangá, esses quadradinhos que contam vida, que nos transportam até à imaginação.

Que bonito foi aceites o desafio, que foi ter a coragem que dizem que faltas aos jovens. Como se eles soubessem o que é ser jovem nos dias de hoje, a dificuldade que há em ser jovem, numa sociedade em que todos querem ser, eternamente, jovens.

E, contudo, Ana, tu aceitaste. Como aceitas os desafios de escrever sobre o Japão, de escrever so-

bre o *bullying* ou sobre os jovens ou, até mesmo, ensinar escrita criativa. A Ana Rosado estudou Línguas, Literaturas e Culturas na Universidade de Évora. É formadora no IIEFP, pertence ao Instituto Cultural de Évora e é artista. Além disso, sonha.

Tímida, determinada, de poucas palavras e de muitos sorrisos, aceitou, sem hesitar e sem saber ao que ia. Prontificou-se a fazer a capa da Revista *Missão: Alentejo* com apenas uma indicação, o tema é a cultura e o mote pode ser o património mundial, material e imaterial no Alentejo.

Às escuras, que não às cegas, lançou-se ao trabalho, deu asas à sua imaginação, colocou a arte em primeiro lugar e ofereceu, sem saber a quem, o produto do seu trabalho. A capa da “nossa” Revista.

Aos artistas não se agradece, aplaude-se. Palmas para a Ana. Que tenhamos todos a inteligência e a capacidade de reter na nossa terra, na nossa região, os jovens que, para além de serem o futuro... são muito bons.

Texto

Mário Simões

José Carlos Alegria e “Era uma vez, Marionetes”, o público é o Juiz... ou deveria sê-lo

—
Texto
Mário Simões

José Carlos Alegria faz parte de uma geração de eborenses que aproveitou as oportunidades geradas pelos “ventos da liberdade” para concretizar o seu sonho. Ser ator profissional.

Em 1979, terminou o curso de formação de atores, no Centro Cultural de Évora, dirigido por Mário Barradas e Luís Varella. Como ator, passou pelo Centro Cultural de Évora (CEN-DREV) e pelo Teatro da Rainha e foi no Cendrev que tomou contacto com os bonecos, tendo sido um dos responsáveis pelo regresso dos “famosos” Bonecos de Santo Aleixo.

Há cerca de trinta anos, aventurou-se na criação do seu próprio teatro de bonecos, “Era uma vez, Marionetes”, uma companhia familiar, dedicada exclusivamente ao teatro de marionetas, usando técnicas tradicionais com qualidade técnica e artística.

Apesar da voz “teatral” de grande imponência e que torna muito perceptível as palavras, mostra-se reservado quando as tem de usar para exprimir o que lhe vai na alma, principalmente quando tem de falar do “seu” Alentejo e daquilo que esta região tem de atrativo para os agentes culturais. Mas, sempre nos foi dizendo “Não sei se tem atrativos. É uma região vasta e de pouca gente. A parca segurança para os agentes culturais é assegurada por apoios dos organismos do Estado, de forma insuficiente. Para alguns, de forma inexistente. É uma vida boa para sobreviventes”.

A família Alegria é, na realidade, mais que um exemplo de sobreviventes, de resilientes. Ao pai José Carlos Alegria, juntou-se primeiro o seu filho, Miguel Meira Alegria, que, com o seu pai e outros mestres marionetistas, aprendeu esta arte, sendo também o responsável pela composição musical de diferentes espetáculos e pela técnica de luz e som dos espetáculos.

Mais tarde, foi a vez da filha, Margarida Meira Alegria, que seguiu os passos do pai e da mãe, Ana Meira, uma das melhores atrizes de sempre do Alentejo e não só, e que, após ter tirado uma licenciatura em Teatro, se juntou à companhia, onde também aprendeu a arte das marionetas através do contacto com grandes profissionais.

Já no corrente ano “Era uma vez, Marionetes”, recebeu Marta Belga Robalo, que estava a terminar o seu mestrado em Estudos e Gestão da Cultura.

José Carlos Alegria é um homem da liberdade, quer individual quer social. No campo da criação, então, é de uma liberdade total e, por isso, a forte tradição cultural do Alentejo não é para ele castrador para a criação, antes pelo contrário, “há sempre lugar para tudo e para todos, para manter e para mudar, para criar usando novas e velhas abordagens. O Público é o juiz, ou deveria ser”.

E é para o público de todas as idades que a companhia trabalha. Alegria rodeou-se de uma equipa vasta com os cenógrafos Vasco Fernando, António Canelas, Iria Kovacs e Amândio Anastácio para fazerem a quase totalidade dos bonecos e cenários. António Galhano e António Canelas, entre outros,



foram os construtores das estruturas de alguns dos retábulos. Alexandre Tavares, João Cordeiro e Fernando Rodrigues trabalharam com Miguel Alegria na composição musical de alguns espetáculos. Álvaro Corte Real e Vasco Chaveiro, entre outros fotógrafos, foram responsáveis por alguns dos registos fotográficos. Todos estes e outros artistas plásticos, costureiros, marceneiros foram fundamentais para a construção dos espetáculos.

Em mais de trinta anos, a companhia estreou mais de vinte espetáculos, quase todos ainda em cena, com destaque para “O Bolo”, “O Mistério da Pedra Encantada”, “A Princesa Ziah”, “Contos Ciganos”, “Azinheira Sinaleira”, “O Lixo do Sr. Bartolomeu”, “Talvez”, “Auto da Barca do Inferno”, “Auto da Índia”, “A Formiga e o Coelhoinho”, “Retábulo de Don Cristóbal”, “O Vendedor de Cacetadas”. O “Mistério da Pedra Encantada” tem versões em Português, Francês, Espanhol, Inglês e Italiano.

Para além de Portugal, a família Alegria deu espetáculos em Espanha, França, Andorra, Suíça, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Bélgica, Países Baixos, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

A tenacidade de José Carlos Alegria levou-o, apesar dos momentos difíceis por que passaram todos os artistas a desenvolver o projeto “Ninguém Fica Para Trás – 30 anos de Teatro de Bonecos”, cujo objetivo é a concretização de uma digressão regional e ir onde mais “ninguém vai”. Foram escolhidas 43 freguesias com o menor número de habitantes onde apresentaram o primeiro espetáculo da companhia, *O Bolo*, com quase 30 anos em cena e para público de todas as idades.

Com o apoio da Direção Regional de Cultura do Alentejo já foi possível concretizar parte desse objetivo e estão dispostos a concretizá-lo num futuro muito próximo.

É assim José Carlos Alegria, um homem de sonhos e concretização deles, um alentejano reservado que acredita que “se não confundirmos desenvolvimento com crescimento económico, sim, a Cultura é desenvolvimento e pode-se afirmar que o desenvolvimento de um Povo está ligado ao estado das suas Artes”.

O Júri escolheu Évora como Capital Europeia da Cultura em 2027



Lurdes Nobre
Presidente da Associ' Arte,
Programadora Armazem 8

Estamos todos de parabéns. Depois de, em 86, termos tido o galardão de Cidade Património da Humanidade, foi agora mais uma vez reconhecida a nossa cidade.

Mas, desenganem-se aqueles que acham que foi a cultura erudita que nos trouxe aqui. Foi ela, mas foi também a cultura popular.

Desenganem-se aqueles que acham que foi a cultura dos palcos que mereceu o aval do júri. Foi ela, mas foi também a cultura do Montado.

Desenganem-se aqueles que acham que foi a cultura dos museus que ganhou. Foi ela, mas foi também a cultura das praças.

Desenganem-se aqueles que acham que foi a cultura das bibliotecas que triunfou. Foi ela, mas foi também a das quadras populares.

Desenganem-se aqueles que acham que foi a cultura das academias que alcançou o galardão. Foi ela, mas foi também a cultura do Povo.

O que cativou o júri nesta candidatura, para além da cultura apresentada com neons, que, essa, todas as candidaturas apresentavam, foi a cultura das emoções. Foi a cultura genuína das gentes do Alentejo. Foi a cultura que não se pode medir em “camas, número de visitantes ou palmas”. O que nos diferenciou foi a cultura criada, construída, passada de geração em geração, com tempo, calma, Vagar.

Uma cultura que não aparece nas páginas das revistas da moda. Uma cultura que não se comercializa em feiras da especialidade. Uma cultura que não se enche de tecnologia. Uma cultura que não é marcada a likes. Uma cultura que não muda com a moda!

O que aqui nos levou, foi a forma equilibrada, genuína, como o Alentejo sempre conseguiu ligar a modernidade com o passado, a tecnologia com os ofícios, o conhecimento com o prazer.

Mas desenganem-se os eborenses que pensarem que esta candidatura foi ganha apenas por Évora. Não foi. Foi um território que ganhou o coração do Júri.

O que ganhou foi 1/3 do território português, o Alentejo. Aquele que soube preservar a sua identidade, que se define no Cante, ou nos Bonecos de Barro de Estremoz. O que se reconhece no Vinho da Talha da Vidigueira ou no Cante ao Baldão de Castro Verde. Com essa escolha, o júri internacional quer que mostremos ao mundo que, apesar de sermos diferentes, temos uma forma de estar, de viver e de olhar o mundo que nos une.

É a cultura do património edificado e imaterial que soubemos preservar que foi escolhida pelo Júri.

Desenganem-se os que acharem que foi a cultura de Évora que ganhou. Foi ela, mas foi fundamentalmente a Cultura do ALENTEJO!

Desenganem-se os eborenses que pensarem que esta candidatura foi ganha apenas por Évora. Não foi. Foi um território que ganhou o coração do Júri.



**“Um dia destes,
vou voltar a cantar
para vocês”.**

Texto
Mário Simões

Fotografia
facebook.com/tonicha.clubedefas

Quando da telefonia saía a voz doce, segura, indisfarçavelmente alentejana, da menina de olhar sereno, era o Alentejo que cantava. Quando abríamos a janela que dava para os campos e sentíamos a menina a cheirar a feno, casada com hortelã, era a Tonicha que cantava. Quando a menina de corpo inteiro, com tranças de madrugada, que se levanta primeiro do que a terra alvoroçada, era o Alentejo que se mostrava.

António Tonicha, de cabelos louros como a seara, encantava todos quando olhava para o horizonte e cantava, soltava a voz. E quando a escola era pequena foi nas festas da “Capricho”, hoje Sociedade Filarmónica Capricho Bejense, que mostrava a sua versatilidade vocal.

Para cada alentejano há um Barreiro e a Antónia de Jesus Montes Tonicha Viegas lá deixou a sua terra e, embalada pela ambição juvenil e pelo apoio da sua família que nutriam pela música uma grande paixão, foi até ao Barreiro, para casa do seu tio-avó, que era Chefe da Estação dos Caminhos de Ferro.

Atravessou o Tejo com o sonho na voz e foi ao concurso da Emissora Nacional. Tinha 16 anos. Encontrou para os quadros da Emissora aos dezoito, mas aproveitou estes dois anos para estudar, trabalhar a voz com os melhores da altura: os Maestros Tavares Belo, Fernando de Carvalho, António Melo, entre outros, mas, principalmente, com a famosa Corina Freire.

O jeito para cantar da então Antónia Tonicha vinha-lhe da vontade férrea de vencer, de fazer o que gostava, cantar.

O seu timbre dava para tudo, desde as canções de natal, com que se estreou no vinil, até ao folclore, sempre com alegria, sempre com aquele brilho nos olhos e sempre com aquelas mãos viradas ao céu e ao seu público que ia ficando rendido ao talento desta alentejana.

E a história tinha de começar com o “Era uma vez... uma princesa tão bonita como aurora” e dos lábios de mel da boca amora sucederam-se canções festivas em todo o mundo, melodias, sonhos, esperanças em palavras ditas... Já não era a Antónia Tonicha. É, simplesmente, a Tonicha, a menina que encantava o mundo.

Os músicos perseguiam-na. O caminheiro José Cid disse-lhe de onde vinha. Os poetas adoravam-na. José Niza compôs para ela “poeta amigo”, mas foi Ary dos Santos que viveu para ela sonhos e fantasias, hinos e alegrias e há sempre “um pássaro que voa sobre as janelas dos dias” e a alegria de querer continuar a voar pelo mundo do sonho, das flores, “de uma rosa quase pura” que nos dá força para ter “sede de viver”, ter a vida à espera e vivê-la... como deve ser.



Ary dos Santos escreveu quarenta e oito canções das trezentas e oito que Tonicha gravou. Patxi Andion musicou textos que ganharam vida na voz da Tonicha. O cancioneiro popular teve nela a sua embaixadora, o cinema caiu-lhe aos pés, contracenou, entre outros, com o alentejano Nicolau Breyner.

Mas, os alentejanos são assim. Correm da calma, mas não podem fugir dela e, um dia, Tonicha parou, não de cantar, nem dos sonhos, nem dos amigos, mas sim para se amar, para se gostar, para se sentir bem.

Não regressou a Beja. Está no Alentejo, no seu Alentejo contemplativa, onde o mar e a planície se confundem. Sossegada a fazer o que mais gosta, viver. Canta para os amigos, tem sonhos para sonhar e deixa sempre um aviso: “Um dia destes vou voltar a cantar para vocês”.

E pronto, é a eterna menina, de olhar sereno, de uma simplicidade envergonhada, uma mulher completa, que nos leva a ter vontade de a ouvir e voltar a ouvir todas as músicas, desde as mais simples até às mais elaboradas e, no fim, fica sempre a voz bem alentejana, a “Rosa brava rosa povo brisa do alto da serra”, a Tonicha.

O jeito para cantar
da então Antónia
Tonicha vinha-lhe
da vontade férrea
de vencer, de fazer o
que gostava. Cantar.

as nossas *terras*

Aldeia da Luz fica na lembrança,
permanece na memória e habitará,
para sempre, na nossa imaginação

Texto
Mário Simões

Quanto tempo guarda a memória? Quanto tempo dura a lembrança? Uma e outra podem ser visíveis nos rostos dos luzenses, daqueles que ainda guardam, na lembrança, os tempos de incerteza sobre o seu futuro e o futuro da sua terra, depois de “vir” a barragem, e, também, daqueles que, vinte anos depois, nos rostos, apenas conhecem a nova aldeia da Luz.

A Aldeia da Luz, nova e antiga – porque antigo também é diferente de velho –, vai ficar, sempre, na memória, porque esta vai sendo atualizada e reelaborada conforme os contextos históricos, sociais ou políticos. Já a lembrança vai durar enquanto a representação da experiência durar.

Os cerca de trezentos luzenses que habitam as casas na Aldeia da Luz carregam consigo lembranças e teimam em manter o mais fiel possível a memória do velho casario de uma sociedade de paredes meias, de um





Maquete da antiga
Aldeia da Luz,
construída Horácio
Guerra

tempo que, por muito bonito que tenha sido, não envelheceu, porque a Aldeia da Luz se mantém viva e com os olhos no futuro, mas é antiga porque tem um passado e um marco histórico na vida de toda uma região.

Poucas são as aldeias portuguesas que sabem fazer vida e futuro de “coisas do passado”. A Aldeia da Luz sabe. Ao mesmo tempo que mudava de vida com casas novas e novos equipamentos que, possivelmente, muitos luzenses, trocariam, de bom modo, pelo passado, mantinha bem vivo o que é de manter: as lembranças.

E nada melhor que um Museu, que nasceu e está pujante. O Museu da Luz, que surgiu como um espaço de cultura e de identidade. É um espaço interpretativo das profundas alterações ocorridas neste território, decorrentes do aparecimento da barragem e da submersão de uma aldeia.

O que tem sido diversas vezes premiado não é só a sua arquitetura, nem a singularidade de ser construído em xisto, é a “alma” que encerra em si, é a extensão da planície que leva os que olham as exposições e são “atacados” pela luz e pelo brilho que vêm da planície. Percebem o que é realmente um Museu.

No ano que está aí, o Museu da Luz faz 20 anos. Poderia pensar-se que a construção do Museu fosse, somente, consequência de um certo “pagamento” aos luzenses pelo “sacrifício” que fizeram em prol do Alentejo e de Portugal e que, passado um tempo, o Museu iria ficar encerrado num Museu.

Acontece, porém, que este que já foi considerado o melhor Museu do país que integra a Rede Portuguesa de Museus, que tem, junto a si, as Casas do Museu, que são espaço de residência e de trabalho, continua a sua função: ser futuro.

Para além dos olhos e dos riscos nas faces dos luzenses mais antigos, das conversas, das histórias, do desalento e, muitas vezes, das lágrimas que teimam em ficar retidas nos olhos, o que mantém a lembrança do que era a Aldeia da Luz é o Monte dos Pássaros.

Situado na extremidade poente da nova aldeia da Luz, ele aí está, firme qual guardião da lembrança, resistente, resiliente e continua a mostrar que era por ali que se ligava a aldeia da Luz à vila de Mourão.

Lá dentro, temos a casa com a cozinha, a chaminé, o forno e o estábulo com a manjedoura corrida de xisto.

A sala da manjedoura está ao serviço do público que a pode alugar para os mais diversos tipos de encontros, desde jantares a trabalho, porque está integrado no programa de Residências do Museu e pode, também, ser usado em ações de formação.

Nem os luzenses, nem o seu Museu querem ser meros repositórios de memórias e lembranças. Também o são, mas querem ser mais, querem continuar a contribuir para o progresso do Alentejo e do país que se faz de “coisas” materiais, como a construção da Barragem, e de “coisas” imateriais, que mantêm a originalidade alentejana que não é passado, mas sim futuro.

No Museu, existe um acervo etnográfico de cerca de 1500 peças que, embora provenientes de um território específico - a aldeia da Luz -, podem ser encaradas como representativas de uma realidade regional.

O museu é depositário do espólio arqueológico da freguesia da Luz que é representativo da diacronia da ocupação deste território ribeirinho, incluindo importantes sítios, desde a pré-história até à época moderna. Salientam-se a coleção proveniente do emblemático Castelo da Lousa, entre outros.

O Museu da Luz dispõe de um grande conjunto de documentos visuais, nomeadamente fotografia, retratando os lugares, as práticas e os gestos desaparecidos. Estão, também, à disposição dos visitantes ou estudiosos, destacando-se o ‘arquivo fotográfico Benjamim Enes Pereira’, com cerca de 1250 imagens e doado pelo próprio ao Museu da Luz.

A modernidade do audiovisual está presente através de um conjunto de documentos audiovisuais sobre o inédito processo de deslocalização da comunidade, com todas as fases de transferência da aldeia registadas por uma equipa, dirigida por Catarina Mourão e Catarina Alves Costa.

Até ao próximo dia 29 de janeiro, o Museu da Luz, com o apoio da EDIA, apresenta a exposição individual de pintura com enfoque em temas no património arquitetónico alentejano, apresentando, também, temas de outros pontos do país, incluindo das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. Trata-se da exposição a Cor do Património de Duarte Botelho

Meus senhores e minhas senhoras... Figueira Cid



Texto
Figueira Cid

“Queremos convidar-te a fazer parte da companhia”. Foi mais ou menos com estas palavras que Mário Barradas e Luís Varela me apresentaram após a estreia do espetáculo ‘A Política dos Restos’, de Arthur Adamov, exercício final da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora.

Era Junho de 1976.

Uns meses antes, em Novembro, começaria o que não imaginava que pudesse acontecer. A candura da juventude – eu tinha 18 anos –, uma revolução recente, cujo significado e consciência, de classe também, haveria de aprender mais tarde, lançam-me numa profissão... excecional!

Em agosto de 76, acabado de sair da Escola (a de Teatro) aproveitei as férias para ir trabalhar na Reforma Agrária, ali, à Cooperativa Agrícola de S. Miguel de Machede: dormia num colchão, no chão, na Casa do Povo, levantava-me muito cedo e lá ia com os outros trabalhadores, na zorra, para os campos, apanhar grão, juntar fardos de palha, armazenar os cereais... e todos os trabalhos desse tempo estival, quente e seco. Um mês. Ganhei 4500 escudos.

Em Setembro de 1976 tudo começa.

Com um salário, na época, de 6000 escudos mensais. Hoje, equivaleria a... 30,00 €.

Vivia num quarto, nas águas furtadas, numa pensão, ao Largo dos Mercadores, em Évora.

Aqui começa o meu percurso como ator, na primeira companhia da, então, chamada Descentralização Cultural, o Centro Cultural de Évora, desde 1990, o Centro Dramático de Évora. Uma vivência – riquíssima – de quatro dezenas de anos. Mais de seis dezenas de espetáculos.

Pelo meio, começa também ali a minha ingressão na encenação: ‘Como é que ele se chama?’ com ‘números’ de Karl Valentin,

em parceria com o José Bessa (que é feito de ti, Bessa?) e com o saudoso Alexandre Passos.

Nestes 46 anos de atividade, há, ainda, que referir a participação em mais de seis dezenas de participações em televisão e cinema (nacional e internacional).

Em 2002, o necessário caminho noutras áreas e que pessoa alguma, instituição alguma pode cercear. Surge a ‘a bruxa TEATRO’: como é vário o teatro!, como é vária a estética!, como é vária a palavra, o sentido, a urgência! Oferecer a Évora uma visão, outra, que implicasse escolhas e métodos alternativos, foi um dos objetivos que levaram à criação dessa estrutura, com 20 anos recentemente celebrados. Vinte anos de trabalho ininterrupto em condições muito difíceis, que só o investimento pessoal evitou que encerrasse logo após o seu início.

Mas ainda com um sonho: um espaço para a ‘a bruxa TEATRO’, onde os espectadores não esperem na rua, os artistas (e o público) tenham instalações sanitárias e com condições técnicas que permitam uma melhor fruição das artes de palco.

...uma revolução recente,
cujo significado e
consciência, de classe
também, haveria de
aprender mais tarde,
lançam-me numa
profissão... excecional!



Site: <https://www.ccdr-a.gov.pt/>

Facebook: <https://www.facebook.com/ccdralentejo>

Twitter: <https://twitter.com/ccdralentejo>





CCDR
ALENTEJO

Comissão de Coordenação
e Desenvolvimento Regional do Alentejo